# CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

19 FEVEREIRO 2013

www.candido.bpp.pr.gov.br


Caco Galhardo

# Para onde vai a crônica?

O mais brasileiro dos gêneros literários ganha outros contornos no século XXI e se aproxima de novas formas narrativas


• Entrevista | Antonio Cicero • Dias nublados | Luiz Felipe Leprevost • Rebento | Otto Winck

# EDITORIAL

Se a definição de crônica ainda continua sendo uma questão em aberto, de uma coisa se tem certeza: o gênero literário que se acostumou a chamar de "tipicamente brasileiro" está em um momento de transição. Se no século XX escritores como Rubem Braga fizeram alta literatura com temas amenos do dia a dia, no atual momento a crônica se afasta do comezinho para se fundir com a ficção, flertando principalmente com o conto em textos afinados com os problemas enfrentados pelas grandes cidades em diversas áreas. É o que especialistas e cronistas afirmam nesta edição do **Cândido**, dedicada a discutir os caminhos da crônica.

Um dos mais antigos escritores do gênero em atividade, Affonso Romano de Sant'Anna fala sobre as transformações que a crônica vem sofrendo nos últimos 50 anos, sobretudo na última década, e critica a profusão de colunistas nos grandes jornais brasileiros, que fazem "comentários" travestidos de crônicas. O norte-americano radicado no Brasil Matthew Shirts, redator-chefe da revista *National Geographic Brasil*, fala de sua primeira crônica, escrita a pedido do jornal *O Estado de S.Paulo* por conta da Copa do Mundo nos Estados Unidos, em 1994. A fantástica geração de cronistas mineiros é lembrada pelo também mineiro e cronista Carlos Herculano Lopes. Maior nome da crônica esportiva brasileira, Nelson Rodrigues aparece em texto que resgata suas frases e personagens do mundo da bola.

A edição ainda traz uma longa entrevista com o Antonio Cicero, que fala sobre a relação entre poesia e filosofia e de sua carreira como poeta e letrista de canção popular. Ainda na poesia, o gaúcho Ricardo Silvestrin e o carioca radicado em Curitiba Otto Winck aparecem com poemas inéditos. E o também poeta e prosador Luiz Felipe Leprevost marca presença na seção "Em busca de Curitiba".

Boa leitura.

## TIRA

J. ANDERSON

## BIBLIOTECA AFETIVA

A leitura que está guardada bem fundo no baú da minha memória é do livro *O cachorrinho Samba*, de Maria José Dupré. As aventuras desse cachorrinho foram o primeiro livro que li para a escola. Éramos bem pobres e na nossa casa não tinha energia elétrica, daí, à noite, eu trazia uma vela para perto do livro e, então, aquela pequena fogueira, somada ao silêncio, conferia um ambiente perfeito para a imersão na história. E assim brinquei com Samba, me perdi na rua, fui aprisionado e depois voltei para casa com ele.

**Henrique Rodrigues** nasceu em 1975 no Rio de Janeiro (RJ), onde reside até hoje. É mestre e doutorando em Literatura pela PUC-Rio e trabalha na coordenação de projetos de educação e cultura. Participou de diversas antologias e é autor do livro *A musa diluída* (poemas). Organizou, entre outras, a antologia *Como se não houvesse amanhã: 20 contos inspirados nas músicas da Legião Urbana*.

Li *O livro das ilusões*, romance de Paul Auster, integralmente em viagens de ônibus. Trabalhava no Bacacheri e estudava no Campo Comprido [ambos bairros de Curitiba]. Na hora e meia do trajeto diário mergulhei na narrativa sobre um acadêmico que, após perder a família em um acidente aéreo, tenta retomar a vida escrevendo uma biografia sobre um obscuro ator e diretor do cinema mudo. Investigando o personagem a partir de sua obra, percebe que aquilo que chamamos de realidade é apenas uma forma diferente de ilusão. É a impressão que tenho quase dez anos depois da leitura, quando lembro de mim mesmo enquanto estudante contemplando o entardecer curitibano pela janela do ônibus, entre um capítulo e outro.

**Osny Tavares**, é jornalista. Desde 2009, trabalha como repórter na *Gazeta do Povo*. É autor do livro-reportagem *A quatro punhos*, sobre o casal de boxeadores Macaris do Livramento e Rosilete dos Santos. A obra está prevista para ser lançada em março, pela editora ComPactos. Vive em Curitiba (PR).

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

**Cândido** é uma publicação mensal da **Biblioteca Pública do Paraná**

**Governador do Estado do Paraná:** Beto Richa

**Secretário de Estado da Cultura:** Paulino Viapiana

**Diretor da Biblioteca Pública do Paraná:** Rogério Pereira

**Presidente da Associação dos Amigos da BPP:** Gerson Gross

**Coordenação Editorial:**
Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

**Redação:**
Camila Feiler, Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice, Lucas Rufino, Marcio Renato dos Santos, Omar Godoy e Tatjane Garcia.

**Fotografia:**
Kraw Penas

**Projeto gráfico e diagramação:**
Versão Design

**Colaboradores desta edição:**
Benett, Caco Galhardo, Carlos Herculano Lopes, Francisco Gusso, José Aguiar, Luiz Felipe Leprevost, Marciel Conrado, Marco Jacobsen, Matthew Shirts, Otto Leopoldo Winck, Ricardo Silvestrin, Tércia Montenegro e Weberson Santiago.

**Contato:**
imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974
www.candido.bpp.pr.gov.br / www.bpp.pr.gov.br

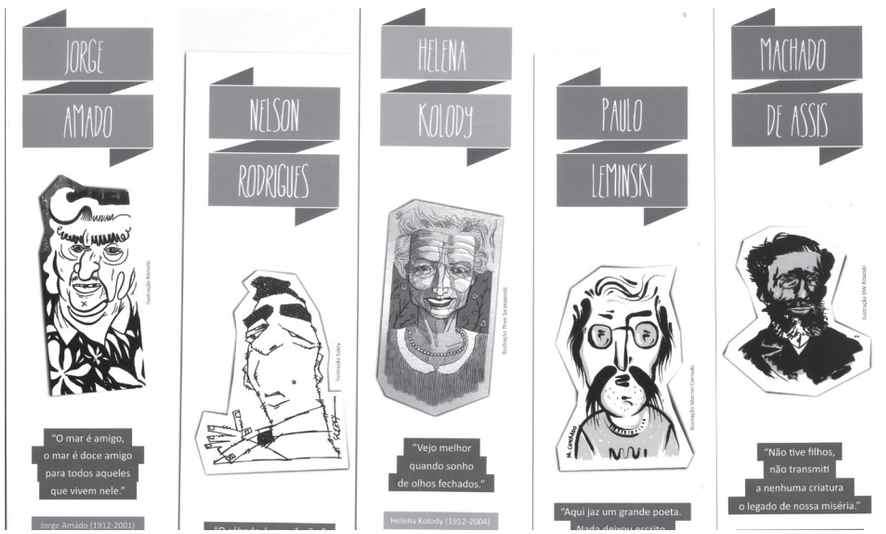
**BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ**
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901|
Curitiba – PR | Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h | Sábado: 8h30 às 13h
Contato: (41) 3221-4900

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP

# BPP lança coleção de marcadores de página

A Biblioteca Pública do Paraná lançou a primeira edição da "Coleção BPP de Marcadores de Página". Cinco autores da literatura nacional foram homenageados com caricaturas assinadas por grandes ilustradores brasileiros: Machado de Assis (DW Ribatski), Paulo Leminski (Marciel Conrado), Helena Kolody (Theo Szczepanski), Nelson Rodrigues (Solda) e Jorge Amado (Rômolo). Frases e poemas dos escritores homenageados acompanham as ilustrações. A cada seis meses, uma nova edição será lançada, com outros autores e ilustradores. A próxima tiragem está prevista para junho e contemplará também autores estrangeiros.




## Fórum "De Caso com a Palavra" em Ponta Grossa, Maringá e Foz do Iguaçu

A escritora e contadora de histórias Cléo Busatto realiza três fóruns de leitura e literatura com o tema "Efeitos e afetos da literatura" nas cidades de Maringá, Ponta Grossa e Foz do Iguaçu. Os eventos serão gratuitos e voltados aos mediadores de leitura, bibliotecários, agentes de leitura, estudantes, educadores e público interessado. As inscrições são realizadas gratuitamente pelo site www.cultura.pr.gov.br. e mais informações podem ser obtidas pelo telefone (41) 3024-7342.

## Coral

Já estão abertas as inscrições para o "Coral Infantojuvenil da Biblioteca Pública do Paraná" apresenta uma novidade musical para 2013, o coral infantojuvenil da BPP. Os ensaios serão sempre aos sábados, das 10h às 11h30, no auditório Paul Garfunkel. A coordenação do projeto é das professoras Julia Saggin e Paula Harada. Podem participam crianças e jovens entre 7 a 15 anos. As inscrições para o coral podem ser feitas pelo email coralinfantojuvenilbpp@gmail.com ou diretamente na Seção Infantil da Biblioteca Pública do Paraná. Mais informações podem ser obtidas através do telefone 3221-4980.

Notas da Província

# Graciliano Ramos por Sylvio Back

Divulgação

*O universo Graciliano*, de Sylvio Back, tem estreia nacional no mês de março. Com duração de 84 minutos, trata-se do primeiro audiovisual brasileiro que apresenta depoimentos, fotos, imagens e conteúdos exclusivos — com profundidade — sobre a vida, a obra e a morte do escritor alagoano Graciliano Ramos (1892-1953). "O audiovisual retrata o perfil existencial, político, moral e literário de Graciliano Ramos", diz Back, que também comemora o fato de ter sido eleito membro do PEN Clube do Brasil. Autor de 38 filmes, entre curtas, médias e longas-metragens, e de 21 livros (poesia, roteiros e ensaios), o catarinense Back, que viveu por longas temporadas no Paraná (onde se destacou na imprensa), é o primeiro cineasta brasileiro, poeta e escritor, a integrar o quadro do PEN Clube do Brasil, órgão internacional famoso por defender os direitos humanos, a liberdade de expressão e de opinião. No segundo semestre, Back dá início às filmagens do longa-metragem *A angústia*, baseado no romance *Angústia*, de Graciliano.

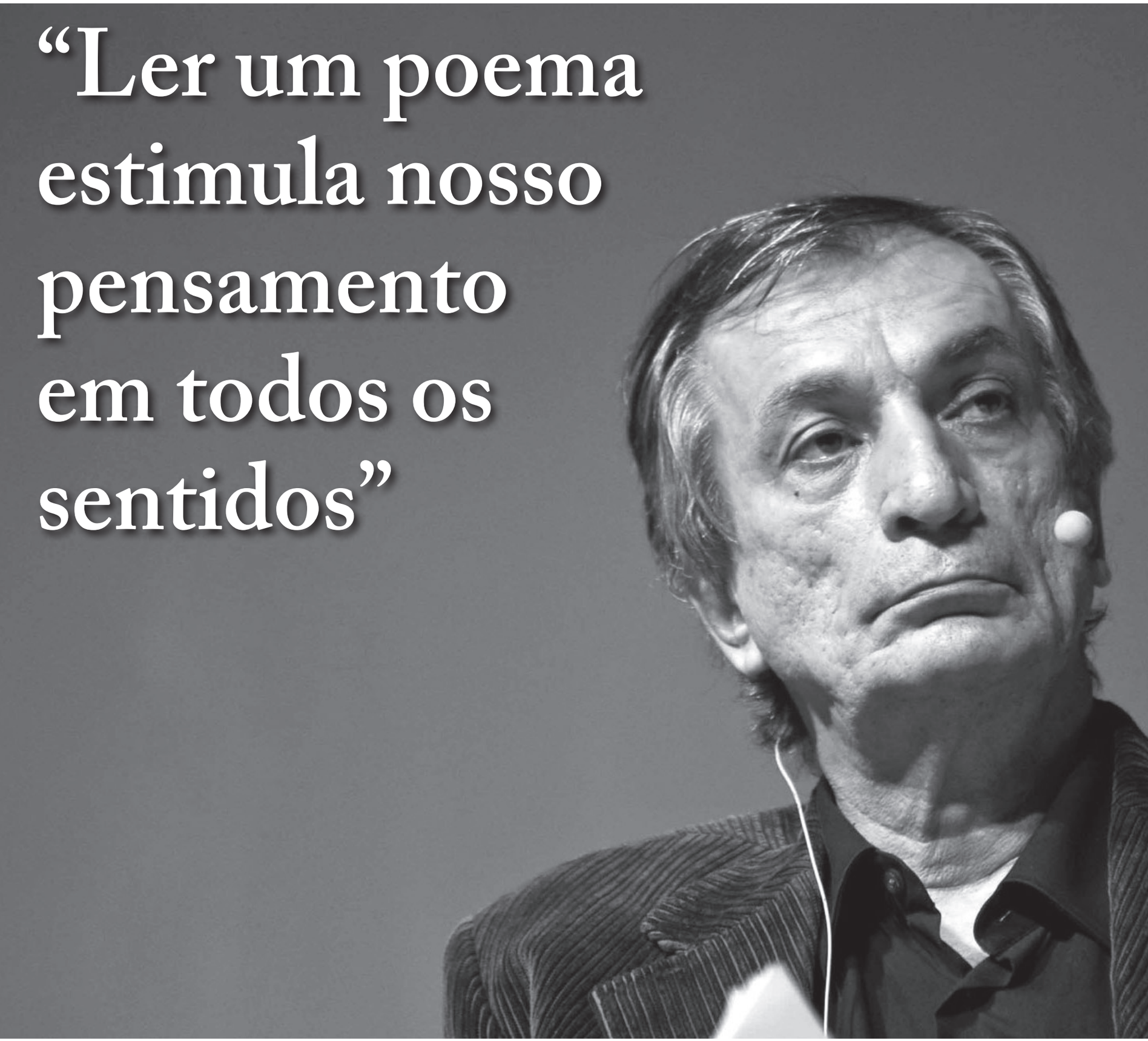
## Leminski, Dalton e Tezza em novos lançamentos

Kraw Penas

No primeiro semestre de 2013 novos livros de escritores paranaenses chegam às livrarias. O romancista Cristovão Tezza tem 100 de suas crônicas reunidas no volume *Um operário em férias*. Dalton Trevisan também terá sua *Nova antologia de contos eróticos* publicada até junho. Já a Companhia das Letras programou para fevereiro o lançamento de *Toda poesia*, de Paulo Leminski.

ENTREVISTA | ANTONIO CICERO

# “Ler um poema estimula nosso pensamento em todos os sentidos”



O carioca Antonio Cicero se afirma como uma das vozes mais singulares da contemporaneidade por transitar pela poesia e pela filosofia. Em 2012, publicou *Porventura* (poemas) e *Poesia e filosofia* (ensaio). Os poemas dele, além do prazer estético, provocam reflexões sobre o estar no mundo e a perplexidade de ser humano.

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Voz expressiva da poesia brasileira contemporânea, o nome de Antonio Cicero está em pauta nos primeiros dias de 2013. Ele disputa a vaga de Ledo Ivo na Academia Brasileira de Letras. Nesta entrevista exclusiva ao **Cândido**, ele fala de outros assuntos, sobretudo, aquilo que lhe diz mais respeito: o mundo das ideias. Comenta alguns de seus poemas, dos livros *Guardar* (1996), *A cidade e os livros* (2002) e do recém-publicado *Porventura* (2012). Mas evita definir o que é poesia e também prefere não destrinchar sua produção artística. "Acho que uma das características mais importantes de um poema é que se trata de uma obra de arte polissêmica, isto é, que tem muitos sentidos. Não compete ao próprio artista tentar interpretá-la, isto é, tentar determinar ou delimitar os seus sentidos. Os leitores que a interpretem." Filósofo com especializações no exterior, autor do livro *Poesia e filosofia* (2012), Cicero falou sobre o assunto: "Um poema pode conter algo de filosofia, mas apenas como um dos seus ingredientes: não é a filosofia que ele contém que lhe dá o seu valor." Ele, que tem poemas musicados por grandes nomes da MPB, também fez uma análise a respeito da relação entre poesia e letra de canção, além de ter comentado motes que estão na sua obra e na de outros autores, como a morte e o desejo: "O desejo é constitutivo da vida humana. Só a morte faz com que ele passe."

**Em 1996, na sua estreia como autor de livro de poemas, o texto inicial, que empresta título à obra, "Guardar", apresenta uma ideia-força intensa: "Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la./ Em cofre não se guarda coisa alguma./ Em cofre perde-se a coisa à vista./ Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá por/ admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado." Escolher esse texto para abrir o livro provoca um forte impacto: você guardou os seus poemas publicando-os. Poderia comentar os sentidos do poema inicial?**

Acho que uma das características mais importantes de um poema é que se trata de uma obra de arte polissêmica, isto é, que tem muitos sentidos. Não compete ao próprio artista tentar interpretá-la, isto é, tentar determinar ou delimitar os seus sentidos. Os leitores que a interpretem.

**A sua poesia, inclusive nos momentos iniciais, é reflexiva, precisa, enxuta, musical e dialoga com a tradição, incluindo as referências do Ocidente. Quem eram os seus poetas prediletos no contexto em que foram escritos os poemas de *Guardar*?**

Muitos. Faço alusões a vários, nos poemas. Por exemplo, no poema "Dita", cito a poeta grega Safo, o romano Catulo, o português Fernando Pessoa e o brasileiro Caetano Veloso. Além disso, a expressão "somos fabulosos", na linha 7, remete, é claro, ao "fomos fabulosos" da estrofe 82 do canto X dos *Lusíadas*, de Camões. Em "Virgem" cito o poema de Drummond "Inocentes do Leblon". Os poemas "Tâmiris" e "Canto XVIII" (que, por uma gralha, saiu está erroneamente grafado "Canto XXIII") são referências a trechos da *Ilíada*, de Homero. O poema "A luta" é referência a um episódio da "Gênese", do Antigo Testamento. No poema "Oráculo" faço uma referência ao poeta inglês Gerald Manley Hopkins. No poema "O circo", as referências são o poeta Yeats e o poeta/filósofo Nietzsche. "História" se refere a Horácio. "Sair" se refere a Pascal. Na verdade, seria preciso adicionar muitos outros, pois sempre fui um leitor voraz de poesia.

**Na segunda parte de *Guardar*, lemos poemas que foram musicados, cantados e são conhecidos de nosso imaginário, entre os quais "Solo da paixão",**

# ENTREVISTA | ANTONIO CICERO

**“Inverno” e “Maresia”. “Virgem”, por exemplo, traz imagens, sugestões de um enredo a dois que pode ter naufragado, para uma das partes, em meio ao cenário cartão postal da beira-mar Ipanema-Leblon: “O Hotel Marina quando acende”, “não é por nós dois/ Nem lembra o nosso amor”, “Os inocentes do Leblon.” “Inocentes do Leblon” é um poema do Carlos Druummond de Andrade, publicado no livro *Sentimento do mundo* (1940), em um contexto no qual havia uma guerra e seus temores, e os inocentes do Leblon passavam bronzeador no corpo sem se dar conta dos navios que poderiam surgir no horizonte e provocar um apocalipse local. A sua poesia, entre outras características, é carregada de significados. Poderia comentar sobre esses diálogos literários?**

Os poetas dialogam todo o tempo com a tradição poética. É que a gente aprende o que é poesia, e o que é boa poesia, lendo poesia e, principalmente, lendo os poemas canônicos. A canção “Virgem” tem uma das minhas letras de que mais gosto. Na pré-adolescência, morei em frente à praia de Ipanema, de modo que essa paisagem me é muito familiar. De modo geral, é um grande prazer ouvir uma letra minha cantada por um cantor ou cantora que admiro.

**Letra de canção é poesia? Tem poesia em letra de canção? Quais os pontos de contato entre letra de canção e poesia?**

Sabemos hoje que a primeira poesia conhecida do Ocidente, os poemas de Homero, eram recitativos. Nesse sentido, eles eram parentes do rap, que é uma espécie de recitativo. Já os poemas líricos eram, como seu próprio nome indica, musicados. Eram o que chamamos de letras de canções. Como os gregos não desenvolveram uma notação musical adequada, perdemos a música, mas conservamos as letras dessas canções. Essas letras são os poemas gregos antigos que conhecemos e admiramos, de Safo, Píndaro, Anacreonte, Teócrito, Calímaco, etc. Logo, uma letra pode perfeitamente dar um bom poema escrito. E nada impede que um bom poema escrito dê uma boa letra de música. No entanto, um poema não precisa dar uma boa letra, para ser bom. E, vice-versa, uma letra não precisa dar um bom poema escrito, para ser boa. Com efeito, a letra é originalmente feita para ser parte de uma canção. Se ela servir para produzir uma bela canção, então ela é boa, independentemente de dar um bom poema escrito. E, naturalmente, o poema é feito para ser lido, de modo que não precisa dar uma boa letra.

**Já em *A cidade e os livros* (2002), destacam-se poemas narrativos. “Museu de Arte Contemporânea” é e pode ser um retrato. No poema que dá nome ao livro, “A cidade e os livros”, encontramos um Rio que é, foi e será um Rio que passou por você: “Hoje é diferente, pois todas as cidades encolheram,/ são previsíveis, dão claustrofobia/ e até dariam tédio, se não fossem/ os livros infinitos que contêm.” Qual a relação do Rio de Janeiro com os livros?**

## “Meio-fio”

Domingo à noite, ao cinema,
à comédia americana
do Roxy, em Copacabana:
que melhor estratagema
para vencer a acedia
domingueira, num programa –
sonorama, cinerama –
com um toque de nostalgia,
drops e ar condicionado,
e um trailer, de aperitivo
(que filme é mais incisivo
que o somente insinuado?)

Mas, na Barão de Ipanema
com a Domingos Ferreira,
eis que fazemos besteira,
a um quarteirão do cinema:
é que, à procura de vaga,
não vemos que vem um carro
na transversal, e o esbarro
não é grande mais estraga
os planos. Resta esperar
ao meio-fio a perícia.
Mas a noite, com a malícia
e a fluidez de um jaguar,
nada espera. Da avenida
Atlântica, a maresia,
cio marinho, alicia
para outras eras da vida.

Do livro *Porventura* (2012).

É um poema em que falo da descoberta da cidade grande como a descoberta do mundo aberto e moderno como análoga à descoberta de que os livros, a grande literatura universal, pertence àquele que a ela se entrega. O Rio tem não apenas os livros de suas bibliotecas, de suas livrarias, de suas coleções particulares, mas os livros que falam do Rio, como os de Machado de Assis, e os livros que podem ser escritos sobre ele, ou tendo o Rio como cenário. Mas falo do Rio porque é a cidade onde vivo, porém creio que o que se passa nesse poema poderia passar-se, *mutatis mutandis*, em qualquer cidade grande.

**"Ônibus", poema dedicado a Eucanaã Ferraz, é outro exemplo do que comentei na pergunta anterior. Parece um clique, uma foto, por trazer, além da linguagem, das palavras escolhidas, musicais, uma cena: "São oito horas da noite, véspera/ da véspera de outro Natal./ Já não há lâmpadas feéricas/ vindas da China a iluminar/ as ruas." Considera a sua poesia, também, narrativa?**
Nesses exemplos que você está dando, sim. E, de fato, no caso do poema "Ônibus", foi algo que presenciei que o desencadeou. E, quando começo a escrever o poema, ele, em determinado ponto, assume certa autonomia. E então, estranhamente, é como se eu tivesse que fazer o que ele pede para ser feito.

**O quanto há de filosofia em sua poesia?**
No ano passado, escrevi um livro sobre esse assunto: *Poesia e filosofia*. Acho que poesia e filosofia são coisas muito diferentes. Um texto de filosofia pretende nos ensinar alguma coisa ou provar uma tese.

# ENTREVISTA | ANTONIO CICERO

Normalmente nós o relemos quando precisamos tirar dúvidas ou entender melhor determinadas questões. Já um poema é uma obra de arte. Não é o que ele nos ensina ou prova que interessa. É que ler um poema estimula nosso pensamento em todos os sentidos. Não é só o que ele diz que interessa, mas como o diz. Um poema pode conter algo de filosofia, mas apenas como um dos seus ingredientes: não é a filosofia que ele contém que lhe dá o seu valor. O que vale e dá prazer, na leitura de um poema, é a própria leitura. O poema é bom quando mobiliza não apenas nosso intelecto, como a filosofia, mas várias das nossas faculdades ao mesmo tempo: nossa imaginação, nossa razão, nossa emoção, nossa sensibilidade, nossa sensualidade etc. Não relemos um poema como um texto de filosofia, apenas para tirar dúvidas ou entender melhor determinadas questões, mas porque sua leitura nos proporciona esse prazer, que é um prazer estético.

**"Ser poeta é uma África." Eis o desfecho de "O poeta marginal", do livro *Porventura* (2012). O texto abre e cita diversos autores, ou sugere, a dialogar com rastros de grandes poetas. O que é ser poeta?**
Seria preciso saber o que é a própria poesia para saber o que é um poeta. Mas jamais se conseguiu definir adequadamente a poesia. Ela é, como se dizia antigamente, um "je ne sais quoi", isto é, um "não sei quê".

**Em "O poeta lírico", de *Porventura*, a voz poética garante: "Não sei contar histórias." Apesar de eu já ter perguntado anteriormente, há poemas neste livro que são narrativas, como é o caso de "Meio-fio", no qual o leitor se depara com uma narrativa poética que mostra a jornada de um sujeito que pretende conferir um filme, mas o acaso, ou um esbarro em um carro muda os rumos e, num meio-fio, "a maresia/ cio marinho, alicia/ para outras eras da vida." É um curta-metragem, ou um longa, dependendo do imaginário. Pode comentar esse poema e esse viés? Essa cena, filme urbano, apresentado por meio da poesia?**
Sou daqueles poetas que acham que um poeta jamais deve tentar explicar o seu poema. O poema deve bastar por si e, caso seja enigmático, é exatamente o enigma, e não sua solução, que é importante.

**Consegue definir a sua poesia?**
Não. Não consigo defini-la. Sou capaz de falar de qualquer tema e de usar inúmeras dicções diferentes. Se há alguma coisa comum a todos os meus poemas, como dizem alguns críticos, eu não consigo definir essa coisa.

**Em *Porventura*, "La Capricciosa" faz menção a uma perda, do seu irmão. "A morte também tem arte". A perda é um dos temas de sua obra?**
Sim, pois é um dos temas mais importantes da vida humana.

**"Blackout", poema presente em *Porventura*, mostra uma cena do temor urbano, da paranoia, o medo do outro, do olhar do outro, do que o outro possa vir a fazer. A janela, antes espaço para vir o outro, o mundo, a lua, hoje precisa de blindagem. A sua poesia menciona o Rio, desde sempre. Qual a sua impressão do Rio hoje?**
Acho que a paranoia, a sensação de estranhamento, deslocamento, "outsideness" que o sujeito do poema sente pode ser sentida em qualquer lugar do mundo. O Rio, hoje, não é tido, nem por mim, nem pela população em geral, como uma cidade excepcionalmente insegura, como era alguns anos atrás.

**"Só o desejo não passa". Lemos em um dos poemas de *Porventura*. O desejo, de fato, não passa, apesar da passagem do tempo?**
Não. O desejo é constitutivo da vida humana. Só a morte faz com que ele passe. ■

## "Virgem"

As coisas não precisam de você:
Quem disse que eu tinha que
precisar?
As luzes brilham no Vidigal
E não precisam de você;
Os dois irmãos
Também não.
O Hotel Marina quando acende
Não é por nós dois
Nem lembra o nosso amor.
Os inocentes do Leblon,
Esses nem sabem de você
Nem vão querer saber
E o farol da ilha só gira agora
Por outros olhos e armadilhas:
O farol da ilha procura agora
Outros olhos e armadilhas.

Do livro *Guardar* (1996)

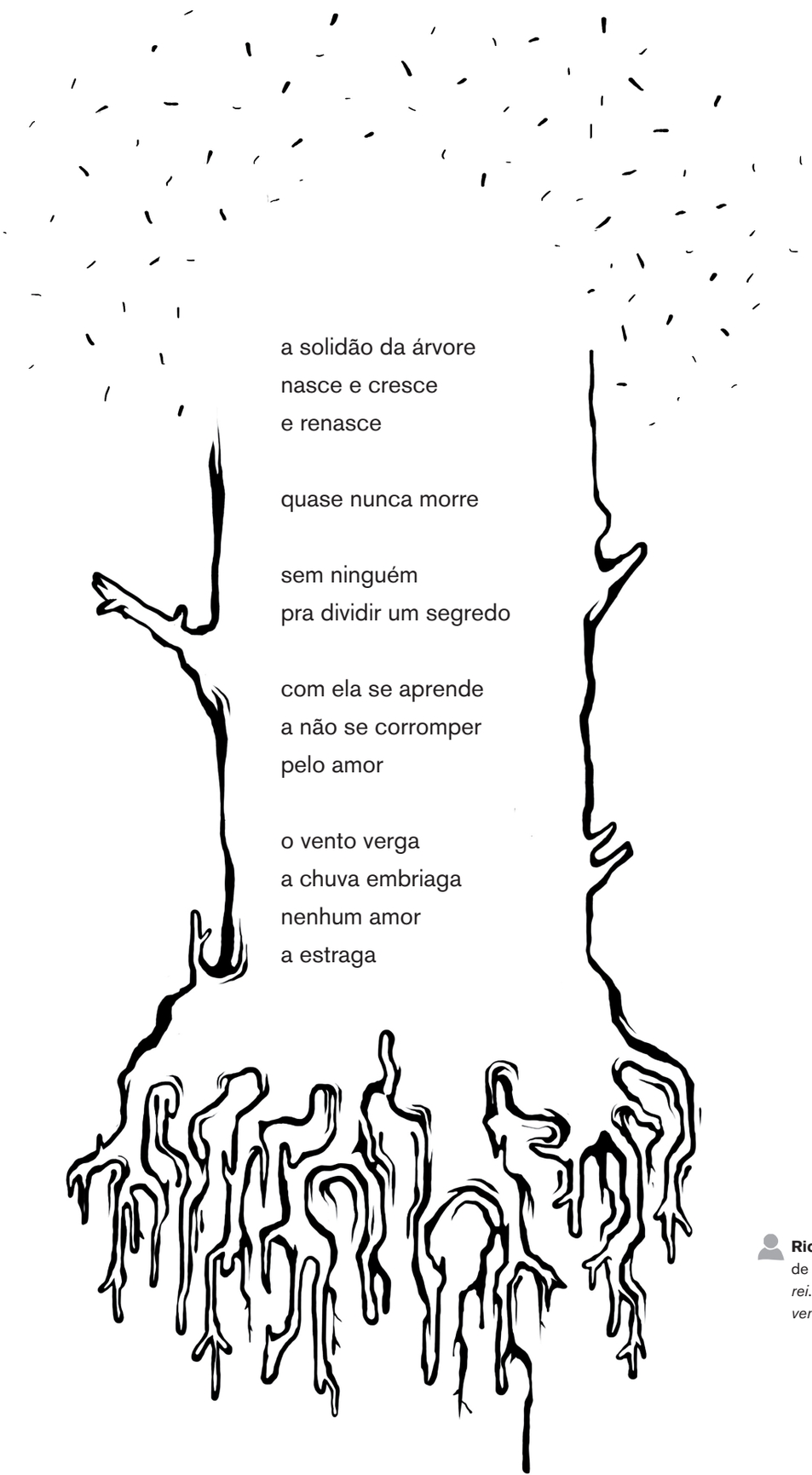
## "Perplexidade"

Não sei bem onde foi que me perdi;
talvez nem tenha me perdido mesmo;
mas como é estranho pensar que isto aqui
fosse o meu destino desde o começo.

Do livro *A cidade e os livros* (2002)

# POEMA| RICARDO SILVESTRIN

Ilustração:
**Marciel** Conrado



a solidão da árvore
nasce e cresce
e renasce

quase nunca morre

sem ninguém
pra dividir um segredo

com ela se aprende
a não se corromper
pelo amor

o vento verga
a chuva embriaga
nenhum amor
a estraga

**Ricardo Silvestrin** é escritor, autor do livro de contos *Play* e do romance *O videogame do rei*. Na poesia publicou, entre outros, *O menos vendido*. Vive em Porto Alegre (RS).

PERFIL DO LEITOR | MARCIO ABREU

Fotos: Divulgação

# Das páginas para os palcos

Leitor precoce, o diretor Marcio Abreu tem em seu cânone pessoal escritores como Paulo Leminski e Julio Cortázar, autores cujas obras reverberaram em seu trabalho no teatro

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Em 2010, Marcio Abreu e sua Companhia Brasileira de Teatro cravaram definitivamente seus nomes na cena teatral nacional com a peça *Vida*. Escrita a partir da experiência de leitura de Abreu da obra de Paulo Leminski, a peça insere o rico universo de referências do poeta curitibano em um texto original, em que a cidade de Curitiba também é personagem. Além do reconhecimento nacional — a peça ganhou, entre outros, o Prêmio Bravo! de Melhor Espetáculo Teatral —, *Vida* é uma espécie de homenagem a um dos escritores que acompanharam o diretor a partir da adolescência. Mas, diferentemente da maioria dos leitores de Leminski, não foi a poesia do curitibano que seduziu o futuro dramaturgo e diretor. "Leminski é um marco. Aos 16 anos me deparei com as biografias que ele escreveu para a série *Vida*. A primeira que li foi a do Trotski. É engraçado, mas a poesia é o que menos me mobiliza no Leminski. Gosto mais da sua multiplicidade, o pensamento, a prosa, etc.", diz o diretor, atualmente em temporada com a peça *Esta criança*, com Renata Sorrah reforçando o elenco da Companhia.

A descoberta de Leminski, ainda que impactante, não representou uma iniciação no mundo das letras. Aos 16 anos, Abreu já era leitor de longa data. Nascido no Rio de Janeiro, o diretor

fez seu debute na leitura de ficção aos 5 anos, com os *Os patins de prata*, um clássico da literatura infantojuvenil escrito pela norte-americana Mary Mapes Dodge, em 1876. Ainda na infância, Abreu herdou a coleção de livros de Monteiro Lobato que havia sido de seu pai, um leitor compulsivo.

Superada a fase infantojuvenil, de histórias amenas, o diretor se depara com a obra de Franz Kafka. Assim como Gregor Samsa, o personagem que de repente se vê transformado em um inseto, Abreu foi pego de assalto pela prosa cerebral e temas delirantes do escritor tcheco. "Não sei exatamente como cheguei ao Kafka. Li primeiramente *A metamorfose* e depois parti para os outros romances, como *O castelo*. O que também me marcou nessa fase foi a leitura dos latinoamericanos. Com 18 anos, lembro de ter lido *Ficções*, do Jorge Luis Borges, que me fez enxergar outros mundos."

Borges seria então o elo para que outro argentino, Julio Cortázar, fizesse, para Abreu, a ponte entre a literatura e outras expressões artísticas. "Com o Cortázar, comecei a apreciar artes plásticas, o surrealismo, ouvir jazz."

A influência de Cortázar foi tamanha, que Abreu, a exemplo do que faria com Leminski em *Vida*, levou a sua experiência de leitura da obra do contista argentino para os palcos. *Volta ao dia* foi a primeira encenação da Companhia Brasileira de Teatro, em 2002, e discute temas recorrentes na obra de Cortázar, como liberdade e sonho. O título da peça faz referência a *Volta ao dia em 80 mundos*, um livro inclassificável do escritor argentino. "Um dia li uma frase no conto 'O perseguidor', que é uma homenagem libertária que o Cortázar faz ao pássaro do *jazz* Charlie Parker, e achei que devesse insistir na leitura da sua obra. Era 1999, e não foi nada difícil. Eu estava justamente encenando *Adeus, Robinson!*,

um texto radiofônico do próprio Julio Cortázar. O ensejo da montagem foi um estímulo e, desde então, quase que diariamente, convivo com o imaginário torto, livre e assustadoramente real dos seus textos."

**Figuras influentes e cânones**

Aluno do Colégio Bom Jesus, em Curitiba, Abreu encontrou em alguns professores, muitos deles padres, interlocutores cultos que o apresentaram a vários autores importantes. João Batista, um professor de religião afeito à filosofia, foi uma das pessoas que ajudaram Abreu a abrir seu leque de referências, partindo então para a leitura dos filósofos existencialistas Jean-Paul Sarte e Albert Camus. Abreu também cita o diretor e dramaturgo curitibano Raul Cruz, morto em 1993, como um interlocutor importante. "Apesar de não ter deixado nada publicado em livro, a leitura das peças dele foram marcantes para mim. Assim que cheguei a Curitiba, a primeira peça que vi foi *Grato Maria Bueno*. Curitiba, aliás, foi fundamental para mim, uma cidade muito literária, não só pela quantidade de escritores."

Leitor caótico, o diretor diz que sempre foi pautado pelas referências que encontrava nos autores prediletos. Assim como Borges o levou a Cortázar, o autor de *O jogo da amarelinha* o levou a Clarice Lispector, William Faulkner e Anton Tchecov, que se mostrou uma descoberta tão fascinante quanto foi a de Cortázar. Além da obra em prosa, que Abreu considera "uma fonte inesgotável de sabedoria literária", o autor russo, célebre pelos seus contos, leva vantagem no cânone pessoal de Abreu por ser também um dramaturgo cuja obra ainda representa um desafio tanto para o público como para atores e diretores.

Junto com o autor de *Tio Vânia*, outros dramaturgos essenciais do teatro moderno, como Beckett, figuram entres os preferidos de Marcio Abreu. No Brasil, "não há como escapar de Nelson Rodrigues, ele é o nosso clássico", diz. Igualmente como aconteceu com Leminski, de quem Abreu se diz mais admirador da prosa, foi o cronista Nelson Rodrigues que lhe despertou interesse.

Entre os paranaenses, gosta do trabalho de Luci Collin e Manoel Carlos Karam, romancista que também produziu para o teatro no início de sua carreira. "É um escritor que admiro. A sua fase teatral me foi apresentada pela Nadja Naira, minha parceira na Companhia. Ela inclusive montou uma peça inspirada nos escritos dele."

Com uma rotina de leituras profissionais bastante intensa, Abreu admite que não consegue acompanhar tudo que o mercado editorial brasileiro produz hoje, mas que está sempre "ligado". Mas diz que segue alguns escritores, como o angolano Gonçalo M. Tavares. "Tenho hoje uma quantidade muito grande de leitura profissional, então o deleite fica sempre comprometido. Não consigo ler tudo o que sai assim, no calor da hora, mas a literatura está em 100% do que faço no teatro, e sou muito grato a ela por isso." ■

EM BUSCA DE CURITIBA | **LUIZ FELIPE LEPREVOST**

# DIAS NUBLADOS

Ilustração:
**Benett**

Visor do celular, a mensagem do Tadeu: às 10, no meu escritório. Não existe lua quando olho pela janela do apartamento. Na rua, ao longe, alarmes disparam, o vento lambe santinhos de publicidade no asfalto. A madrugada não é generosa com nosso sono. A chuva alaga a cidade. Minha memória afogada. Passaram-se anos, tudo o que tenho são borrões de rostos que acreditei ter visto dias seguidos no café da manhã. Vó Bia vinha e antes de se servir servia a todos. Minha mãe colocava um pouco de leite na xícara dela, da tia Ruth e na do meu pai. Vô Breno já tinha se servido e no momento brigava com a manteiga, dura demais para passar no pão. Surgíamos nós vestidos com o uniforme da escola. Ao fim do café, Manoela levantava e ia rápido escovar os dentes, pegava suas coisas e tentava ajudar um pouco Elza lavar a louça enquanto nos esperava. A gente levantava e também ia escovar os dentes. Camilo era o primeiro a ficar pronto. Encostava-se na porta da cozinha e ficava assistindo a arrumação. A luz da manhã em cheio em seu rosto. Seus olhos claros ficavam ainda mais translúcidos e lhe davam o ar de um raro ser angelical. Vó Bia, uma espécie de prece, não completamente inaudível, um farelo de som, movia os lábios. A voz sibilante, o cabelo cinza, magras mãos, a pele solta do tríceps, as pernas varizes prestes a arrebentar. Os chinelos ao lado da cadeira, no quarto. Deus cuida de tudo, ela dizia e ia perdendo os dentes nos intervalos de seus *porca miséria*. Os ausentes são o impossível. Quando criança, eu achava que sussurrando uma canção bonita a gente podia falar com Deus. A ausência é modo mais eficaz que Deus tem para provar que não existe. Toda noite volto trazendo uma sacolinha com filmes e algum livro na mochila. Fico lendo na cama, em voz alta, a distrair a insônia. Peço uma pizza, não toco nela. Folheio revistas. Livros comprados em sebos dividem espaço com latas de suco e embalagens de comida pretensamente saudável. Quando é tarde e finalmente estou faminto, o queijo parece um chiclete salgado. Posso lavar a louça outra hora. Lá fora, escuto o ônibus madrugueiro. Buzinas, para que não esqueçamos onde estamos. Moro no oitavo andar. Nunca sei se está sendo uma noite difícil. O que tenho para hoje, dentes a escovar. Minha escova não é das mais macias. Onde os cachorros da vizinhança? Cansaram? Abro a janela. O ar é frio e no céu estão entediados anjos da guarda. Vem entrando a madrugada. Gatos miam nos becos, ninguém dá por eles. E estes gatos que ouvimos chorar de madrugada são a reencarnação de crianças mortas prematuramente. Estará Camilo entre elas? Chovia naquela manhã. Camilo inventou de adiantar um serviço para meu pai, chegou antes do restante do pessoal. A serra elétrica mastigou seu corpo. Não sei como aconteceu. Ninguém jamais saberá. A assassina serra circular cortou o braço. Entrou pelas costelas, chegando ao abdômen. Rompeu a alça intestinal. Atingiu o pâncreas. A dor e a hemorragia mataram Camilo em minutos, nada pode ser feito. Vejo ainda seu corpo destroçado sendo carregado para a caminhonete, com seu velho pulôver azul, feito por vó Bia. Foi aquele um dia nublado. Tadeu quem logo virou o braço direito de meu pai e depois passou a dirigir a fabriqueta de móveis. Depois que Camilo partiu, tia Ruth entrava naquela espécie de transe de quem está fisicamente presente mas com a cabeça a flutuar no espaço vazio. Deixo a janela aberta. Volto para o sofá, vivo nesta nave vermelha pilotando a televisão, ora roncando baixo. Tenho de ir ao banco para as contas de água, luz, gás. Não terei como fazer isso amanhã. Raspo a unha no visor do celular, a vibração da mensagem: às 10h, no meu escritório. Estou dormindo sentado, igualzinho o vô Breno nas tardes de sábado. A urgência não tem escolhas, por isso é burra. E eu? Sou como os pombos da Praça Osório tateando o chão.

(...)

Morávamos desde que me conhecia por gente nesta chácara, sitiada na mais remota rua do bairro. Onde acabava, ali era o início da propriedade. Chegava-se pela estradinha de quinhentos metros de terra, cercada por enormes araucárias que, aos poucos, foram sumindo como se uma a uma ao longo dos anos houvessem fugido. E a casa iluminada, mais larga que comprida. Paredes espessas a conduzir aos aposentos por reentrantes corredores. O ir e vir dos familiares sobre o assoalho. A chácara, um dos últimos bens

# EM BUSCA DE CURITIBA | LUIZ FELIPE LEPREVOST

restantes do espólio de nossa família. A casa da minha infância: abacate, mimosa, mamão e outras luas apodrecendo na fruteira. Damasco e castanhas nos potes pintados à mão por minha avó. Gostaria de ficar com ela, mas coitado de mim, quase não tenho dinheiro suficiente para o aluguel do meu apartamento. Ao menos se Tadeu, o rico da família, comprasse a propriedade, mas não pode sequer ouvir falar do, como ele mesmo chama, *elefante branco*. Não o culpo, deve viver com a cabeça cheia. A velha chácara não interessa aos seus projetos. Estou aqui em Santa para assinar a escritura para os novos proprietários. Ando até a nossa velha rua sem saída, quase não a reconheço com seu asfalto novo, ainda molhado pelo orvalho da manhã. Eis o portão. Vô Breno teve o AVC aqui, fazendo reparos nas dobradiças. Elza o encontrou, já estava morto. Depois das missas à noite, Camilo pulava a cerca, segurava o Bona e abria este portão. O carro passava e ele voltava a fechar sem cadeado nem nada. Então, Bona e ele corriam pela estradinha atrás do carro. Minha mãe abria a porta da casa, acendia a luz, a gente entrava, a sala fria e um depois do outro ao banheiro. Só meu pai que não, ele gostava de fazer no limoeiro do quintal bem em frente à varanda. Voltávamos e tia Ruth

lavaram as mãos?

sim, tia.

Mas a gente nem tinha lavado. Então ela distribuía pedaços de *nega maluca* para cada um. Enquanto isso vó Bia tinha colocado a água do café para ferver. E os adultos o tomavam conversando ao redor da mesa da cozinha, junto, pão com manteiga. Entro na chácara. Circulo a antiga sala de estar. Tudo tão bem cuidado, intacto. O som rangente das tábuas. E a sala ao lado. Minha mãe a me levar no embalo de cantigas de ninar. Também aqui a gente ficava de castigo por causa de alguma mal-criação. Mesmo que faça um esforço mental para rememorar e preencher os cômodos com os velhos móveis, nada me vem nitidamente à memória. Paredes lisas e brancas, tão bem pintadas, são já pré-escombros. Os quadros, onde? Nalgum antiquário, doados por tia Ruth ao longo dos últimos anos. O cuco que eles trouxeram da viagem à Buenos Aires. E vó Bia sentada à luz do abajur remendando pulôveres com enormes e coloridas agulhas, que a gente usava para a esgrima, ignorando tia Ruth com seus

parem já com a brincadeira, vão furar o olho um do outro.

Vô Breno está deitado no sofá, a cabeça descansando sobre uma almofada encardida, dorme fundo num poço com águas pretas e paradas. Sequer parece respirar. Só agora, tanto tempo depois de sua morte, me aproximo devagar e o olho, tão bem quando um míope sem suas lentes. Nada sinto em relação a isso. Sombras e luzes descem pelas frestas das janelas, venezianas entreabertas. A voz de vó Bia

vá vestir um agasalho que o sereno.

Nem mesmo posso crer em almas miseráveis, vejo as coisas como sendo inanimadas. Antes as madeiras do assoalho fizessem algum tumulto, mas estarão eternamente estanques. Nem mesmo a hostilidade da casa por mim. Apenas olho um pouco para as pessoas da família. Faço um esforço para reter qualquer coisa de suas feições e gestos. Minha mãe fitando de soslaio as botas sujas de lama de meu pai à porta. Ele, cigarro aceso pendendo da boca. E a boca, grande, sorrindo para vô Breno que dorme no sofá. E é só por aí que posso ouvir e ver os mortos. Os fantasmas se apegam aos lugares mais do que nós. Mas não há fantasmas aqui, eles não existem porque os familiares já não existem. O tempo mata os vivos e mata os mortos nos vivos. O tempo são os primos por ladeiras com seus carrinhos de rolamento. O tempo, rodas de aço a girar em torno de si mesmo. O tempo, poeira e pernilongos. A casa prestes a ser definitivamente varrida de nossa família por compradores que são só seu interesse comercial. Se não vendêssemos, acabaríamos por colher detritos. Não houve bancarrota do lugar, apenas o fomos esvaziando aos poucos. O tempo, sua ferocidade não vem à jato, inspiramos fundo e ainda não nos faltam escolhas. Podemos até ter pressa, mas não nos ultrapassaremos. De um jeito ou de outro, em certa altura a vida congestiona feito um nariz constipado, isso é que é. Primeiro, minha mãe. Depois não sei, a vó ou o vô. E aí meu pai. Nos velórios, o cheiro de Leite de Rosas. So-

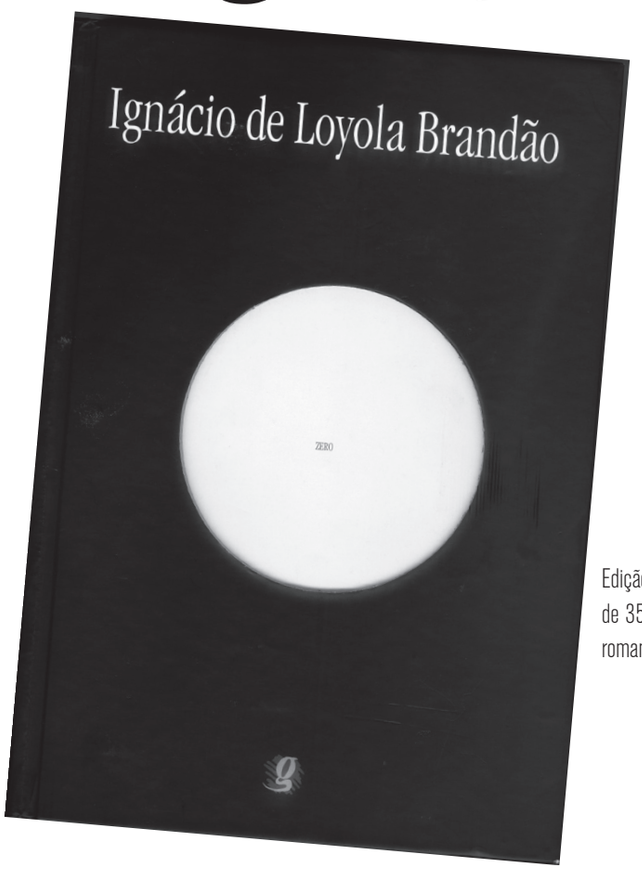
braram tia Ruth e Elza. Então Tadeu colocou tia Ruth no apartamento do Champagnat e deu uma casinha aqui mesmo em Santa Felicidade para Elza viver a velhice, e foi fazer sua especialização nos EUA. Era a disposição interna dos móveis, a mesa redonda na cozinha, os armários, a cristaleira, o cuco pendurado, a biblioteca, que nos obrigavam o vínculo. Aqui está a mesma luz da manhã que invadia os quartos. E tia Ruth gesticulando nervosa, como sempre, a falar sem pausa, pedindo que meu pai apagasse aquela porcaria no cinzeiro. As vozes são vapores. Da cozinha, os barulhos de Elza ao fogão, com as panelas. No quintal, Bona a latir. Vô Breno nos mandando tomar banho, escovar os dentes, vestir o *pijame* para assistir na tv um *farvestão* com ele, e Camilo assim a descobrir o amor pelos cavalos. Enquanto os homens guerreavam, os cavalos pareciam bailar alheios a si próprios, entregues à própria sorte na ignorância do combate. ■

**Luiz Felipe Leprevost** é músico e escritor, autor dos livros *Tornozelos deitados* e *Cecília roendo as unhas.* O texto publicado aqui faz parte da novela *Dias nublados*, que integra a Coleção Osório, da Editora Arte & Letra, a ser lançada no segundo semestre de 2013. Leprevost vive em Curitiba (PR).

MAKING OF

# Um romance de geração

Líbelo contra a ditadura, romance pop e experimento linguístico, *Zero* foi ignorado por quatro editoras brasileiras, publicado primeiramente na Itália e aqui liberado em 1979 – para nunca mais sair de nosso cânone literário



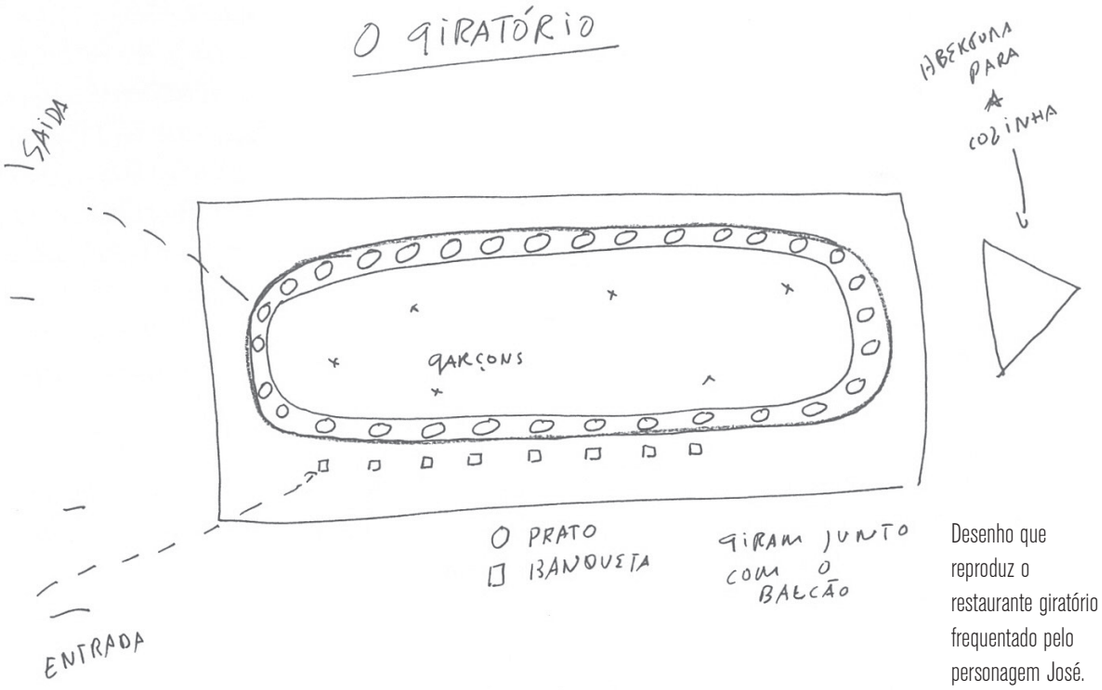

Edição comemorativa de 35 anos do romance.

LUIZ REBINSKI JUNIOR

**Cena 1**
**Onde os fracos não têm vez**

Se o cineasta Quentin Tarantino já filmasse em 1974 e tivesse algum interesse pela literatura brasileira da época, certamente não escaparia da influência de *Zero,* o romance experimental, *pop* e profético de Ignácio de Loyola Brandão. A comparação pode parecer esdrúxula, mas o fato é que *Zero* é um mosaico de influências que, de certo modo, antecipa a linguagem que Tarantino consagraria no começo dos anos 1990. Ignácio, no entanto, prefere relacionar seu livro a outro filme: *Oito e meio*, de Federico Fellini, seu longa-metragem preferido, visto por ele mais de 100 vezes.

Para além das experimentações de linguagem, o conteúdo do romance é igualmente instigante e ousado, o que assustou os editores da época, que o recusaram, obrigando Ignácio a lançar *Zero* primeiramente na Itália, em 1974, onde foi publicado pela editora de Giangiacommo




Desenho que reproduz o restaurante giratório frequentado pelo personagem José.

Feltrinelli, o homem que havia descoberto Boris Pasternak nos anos 1950, tornando *Doutor Jivago* um fenômeno mundial.

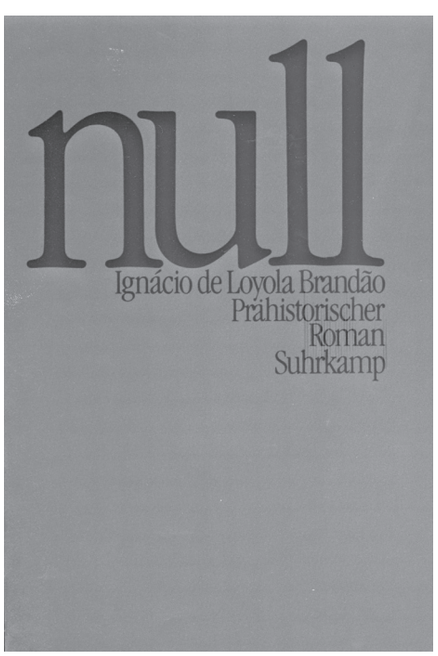
Escrito no período mais tenebroso de nossa recente história política, entende-se o temor dos editores brasileiros em publicar o livro. *Zero* narra a história de José e Rosa, um casal pobre que se conhece por meio de uma agência matrimonial. José está apaixonado e, para deixar feliz sua amada, compra uma casa que não pode pagar. José então cai na delinquência, entra na luta armada, é preso e torturado. O mote aparentemente simples vai ganhando contornos épicos ao longo da narrativa. No meio do texto, com jeitão de roteiro de cinema, Ignácio vai enxertando todo tipo de referência: desenhos, onomatopeias, recortes de jornais, citações de livros, equações matemáticas, etc. Um caos literário que tinha grande chance de se transformar em uma tentativa vã de arejar o gênero romance, mas que no final não só se mostrou uma experiência bem-sucedida esteticamente como também emblemática do período conturbado que o país vivia.

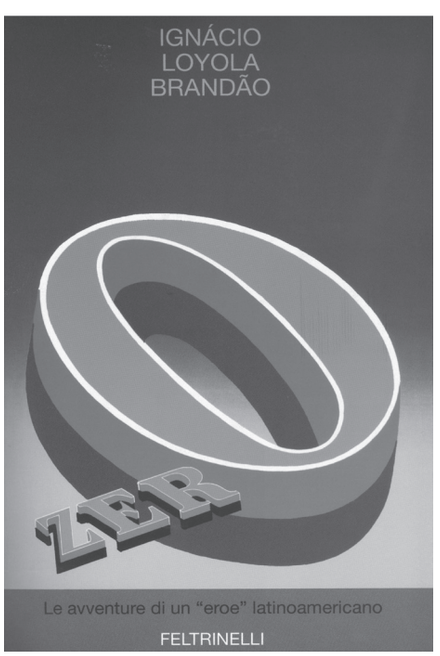
**Cena 2**
**Era uma vez na América**

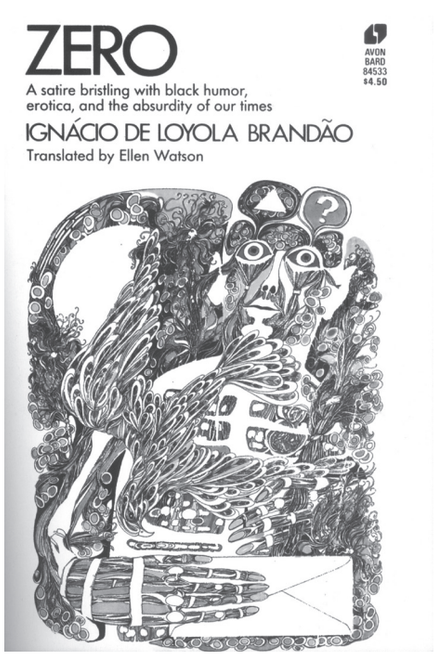
"Instintivamente, sem saber por quê, comecei a coletar o material assim que ao jornal *Última Hora* reabriu, em abril de 1964, e o censor se instalou dentro da redação. Tudo o que ele proibia, sem explicar, sem dar satisfações, eu deixava dentro de uma gaveta. Fotos, entrevistas, notícias nacionais e internacionais, charges, caricaturas, reportagens, comentários de analistas políticos e econômicos eram jogados dentro daquelas amplas gavetas. Um dia, talvez um ano depois, gavetas abarrotadas, levei tudo aquilo para meu apartamento, no número 168 da Praça Roosevelt. Então fiquei lendo, tentando relembrar cada coisa", explica Ignácio, que trabalhou no jornal de Samuel Wainer no período mais repressivo da ditadura militar.

Às voltas com uma infinidade de material, o escritor foi encorajado por amigos como Ítala Nandi e José Celso Martinez Corrêa a transformar em romance o conteúdo que vinha garimpando há anos. "Monta assim mesmo, desordenado, louco, fragmentado, o Brasil está assim. Não arrume nada, o país vive desorganizado", aconselhou o criador do Teatro Oficina.

Mas a epopeia de José, que trabalhava como caçador de ratos em um cinema, começaria a ser traçada de verdade no início dos anos 1970, quando Plínio Marcos convidou Ignácio para participar de uma coletânea, da Editora Senzala, em que diversos autores escreveriam ficções passadas na cidade de São Paulo. Ignácio teve então a ideia de escrever uma história baseada em uma notícia de jornal: na Vila Brasilândia, Freguesia do Ó, havia um menino que tinha música na barriga. A editora abandonou o projeto e Ignácio não escreveu o conto. Mas o estruturou e montou um roteiro para o que seria a história. Junto com as centenas de papéis, anotações e recortes que acumulara durante anos, o roteiro do conto formava um elemento importante para o romance que Zé Celso havia incentivado Ignácio a escrever. "Pensei: por que não utilizá-lo [o conto] no romance que ainda não tinha plano, título, nada?




Três traduções de *Zero*: a primeira edição alemã (1979), a versão italiana (primeira publicação do livro, em 1974) e a edição norte-americana (1983).

# MAKING OF

A GRANDE BATALHA DO MANIFESTO DOS 1.046 CONTRA A CENSURA

Corria o final de 1976 quando o Brasil assistiu à maior luta travada entre nós em defesa da liberdade de expressão e da liberdade de criação artística, expressa na elaboração de um memorial que reunia as assinaturas de nada menos de 1.046 jornalistas, escritores, artistas das diferentes áreas, desde o cinema e o teatro às artes plásticas e visuais – um aluvião de repúdio à ditadura. O detonador desse histórico movimento foi a proibição em 17 de novembro de 1976 pelo Ministro da Justiça, Armando Falcão, da segunda edição do livro *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, que fôra lançado um ano e meio antes, obtivera êxito de crítica e fora considerado o melhor romance de 1975.

Autor da idéia de lançamento do manifesto, o jovem jornalista e escritor Jeferson Ribeiro de Andrade conta aqui como foram aqueles dias de tensão e resistência. Ao seu relato o *Jornal da ABI* acrescenta informações e documentos que expressam a sede de liberdade que movia então a inteligentzia brasileira e sua férrea disposição de não se render à ditadura.

Armando Falcão, vivo até hoje, não quis receber o Manifesto 1.046, que foi entregue ao seu Chefe de Gabinete, Alberto Resende Rocha. Lygia Fagundes Telles, que integrava a Comissão ao lado de Nélida Piñon, Hélio Silva e Jeferson Andrade, disse que não importava ao grupo que o Ministro não os tivesse recebido, acrescentando: "O que importa é que estamos aqui representando mil e tantos intelectuais, o mundo criador do Brasil, coisa que nunca foi feita de maneira assim tão harmoniosa". Nélida Piñon disse que não interessava o diálogo direto com o Ministro, e sim o livre debate das idéias com a população como um todo, não só os intelectuais.

Na edição do dia seguinte, 26 de janeiro, o *Jornal do Brasil* dedicou toda a página 14, em matéria sob o título *Documento contra a censura chega ao Governo*, à audiência que Falcão negou, ao texto do manifesto e a menção aos seus signatários.

O Manifesto nasceu na Cantina do Lucas, em Belô

A censura alcançava o livro: *Zero* seria o primeiro de uma lista. Era preciso reagir.

POR JEFERSON DE ANDRADE

FOTOS: FOLHA IMAGEM

A escritora Lygia Fagundes Telles acabou de publicar novo livro: *Conspiração de Nuvens*. Nele, relata sua ida a Brasília para entregar ao Ministro da Justiça da época um manifesto de intelectuais contra a censura. Registra a data como o ano de 1976. Não se diria que houve um equívoco de data. De fato, o manifesto foi articulado nos meses finais daquele ano. Mas a entrega, em Brasília, deu-se em 25 de janeiro de 1977. A comissão nomeada para a viagem a Brasília, e motivo da explanação da escritora sob o título *Conspiração de Nuvens*, constou da própria escritora, de sua colega de ABL Nélida Piñon, do historiador Hélio Silva e, como ela registra, do jovem Jeferson Ribeiro de Andrade.

Como são passados 30 anos, em janeiro de 1977 encontrava-me com 30 anos incompletos. A 14 de julho de 2007, completei 60. Menciona a escritora a minha participação na comitiva, tão jovem, como representante do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais. Não. Não foi isso. O Sindicato, à época presidido pelo jornalista Didimo Paiva, deu todo o apoio ao movimento e a Brasília levamos o Manifesto com precisamente 1.046 assinaturas de intelectuais de todo o País, enquanto cópia de tudo ficou sob a guarda do Sindicato mineiro.

Fiz parte do grupo que viajou para o encontro com Armando Falcão, Ministro da Justiça, por imposição de alguns escritores mineiros, principalmente Oswaldo França Jr., Roberto Drummond, Murilo Rubião, Wander Piroli e Luiz Fernando Emediato.

Qual o motivo? Simples. A idéia do manifesto foi minha. Dei um depoimento para o livro *His-*



*A proibição do romance Zero, de Ignácio de Loyola Brandão (primeiro à esquerda), considerado o livro do ano de 1975, e de Araceli Meu Amor, de José Louzeiro (2º), desencadeou a mobilização de escritores, jornalistas e artistas, numa luta em que tiveram corajoso papel de ponta Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon e Carlos Eduardo Novaes.*

*Edição Especial do Centenário*
*Volume 3*

*Jornal da ABJ* – nº 345 – Setembro de 2009.

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO 47

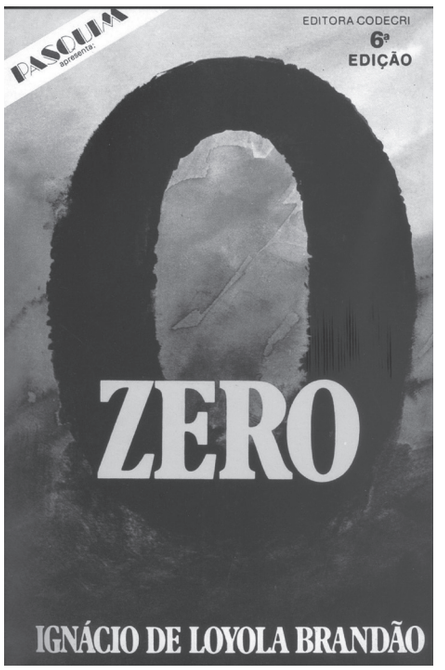
A proibição do livro mobilizou escritores, jornalistas e artistas que lutaram contra a censura do romance de Ignácio.

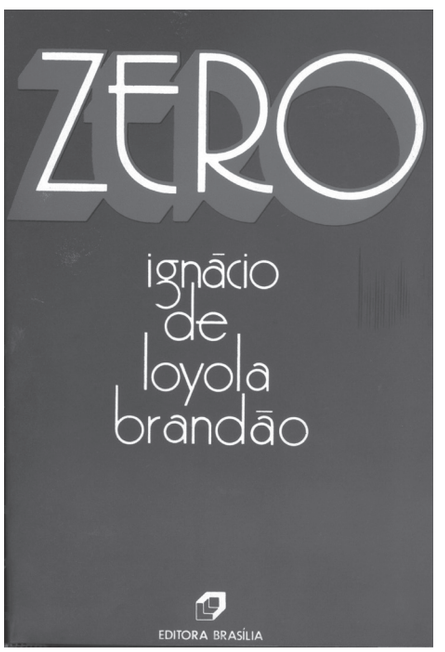
Foi ali que comecei o *Zero*", relembra o escritor. Entre 1964, quando Ignácio começa a coletar material, até 1973, quando termina o livro, passaram-se nove anos. Nesse meio tempo, em 1968, o autor publica seu primeiro romance, *Bebel que a cidade comeu*. "Foi o aquecimento. Eu não sabia escrever romances."

**Cena 3**
**Tempo de violência**

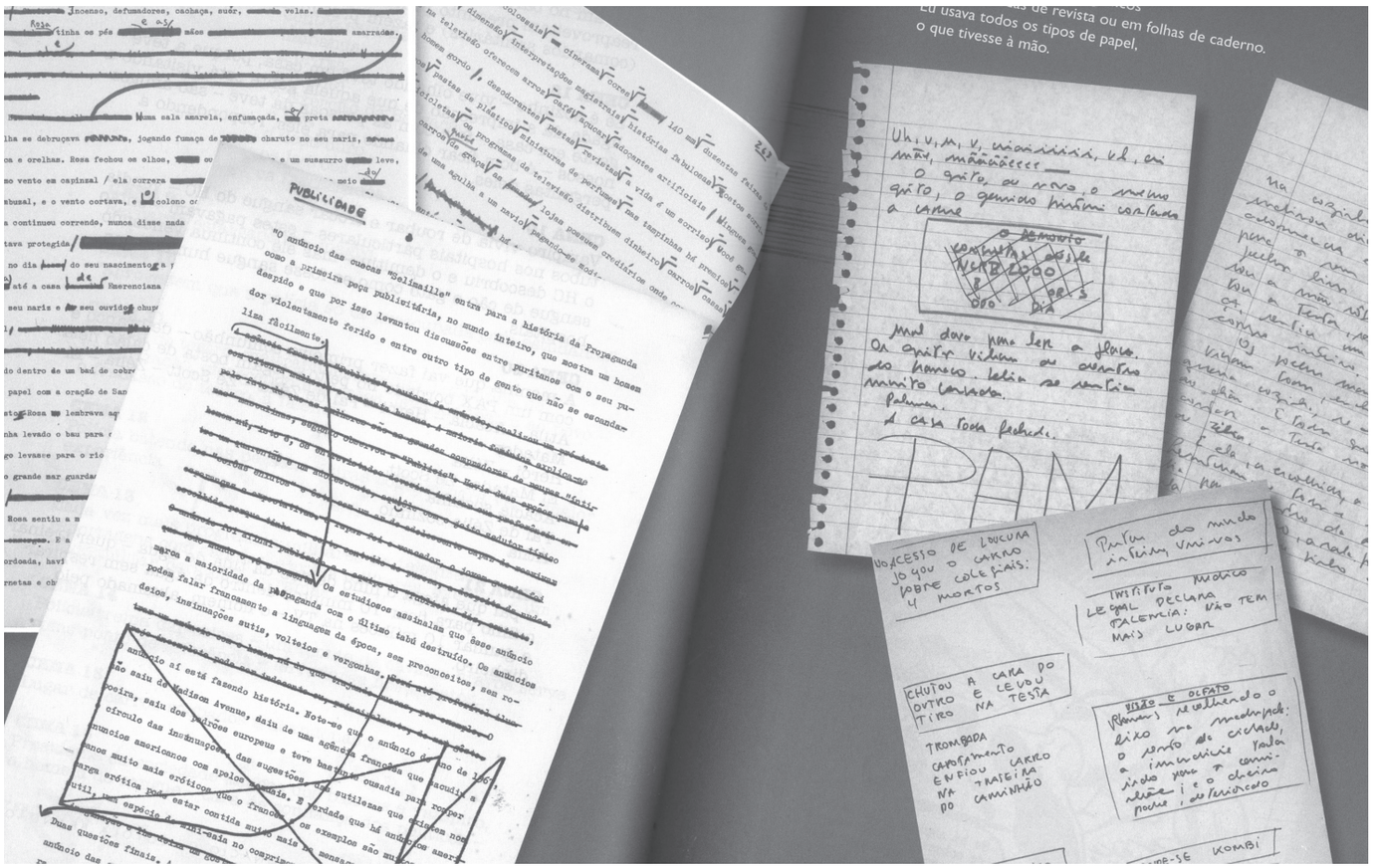
Durante os anos de périplo do romance, entre a escrita e a publicação, *Zero* manteve o título provisório de *A inauguração da morte*. Até que uma caminhada pelo centro de São Paulo deu ao autor o nome definitivo para seu livro. Ele ficou impressionado com o imenso zero em vermelho estampado em um *outdoor*. A partir dali, a imagem o perseguiu. "Éramos zero na ditadura. A vida significava zero. Zero era uma prisão. Zero = inicio da vida. Zero = fim da vida." Além do *insight* proporcionado pela publicidade e pela notícia de jornal que deu origem à história do menino que tinha música na barriga, *Zero* foi composto por uma série de episódios comezinhos que a sensibilidade de Ignácio transformaria em elementos importantes do romance. O restaurante cujo balcão girava, foi inspirado em um bar do centro de São Paulo chamado "O Giratório". A agência de matrimônio que uniu José e Rosa surgiu de uma matéria que Ignácio fez sobre a primeira agência internacional matrimonial, chamada Paimi. O escritor se lembra que deu o endereço da agência a Manoel, à época porteiro do jornal *Última Hora*, que conseguiu casamento. Para aumentar a renda, Manoel era lanterninha no Cine Santa Helena, na Praça da Sé, um cinema infestado de ratos. Daí surgiu a profissão de José e a primeira frase do romance: "José mata ratos num cinema poeira".

Durante os quase dez anos de gestação do romance, Ignácio escreveu




mais de duas mil páginas, que pouco a pouco foram sendo limadas. No último corte, foram retiradas mais de 400 laudas. Grande parte desse conteúdo foi emprestado a amigos e professores que pretendiam escrever sobre o livro e nunca mais devolveram o material. Após a primeira edição brasileira, publicada pela




Manuscritos, rascunhos e primeiros esboços gráficos de *Zero*.

Editora Brasília, o livro foi proibido e só voltaria às prateleiras brasileiras em 1979, após grande pressão da intelectualidade nacional, que organizou um manifesto a favor de *Zero* com mais de 1.200 assinaturas. Entre alguns nomes que assinaram o documento, estavam Otto Maria Carpeaux, Antônio Houaiss, Moacyr Scliar, Chico Buarque, Paulo Emílio Salles Gomes e Rubem Fonseca.

**Cena 4**
**Agonia e glória**

Enquanto esteve proibido, o romance, no entanto, circulava por outras paragens. Entre 1975 e 1979, ano em que foi liberado pela censura, *Zero* ganhou edições em Portugal, Espanha e Alemanha. Ao longo de mais de três décadas, o livro continuou fazendo grande carreira no exterior, com traduções em países como Coreia do Norte, Hungria e República Tcheca. Dada a complexidade do romance, carregado de gírias e regionalismos, Ignácio, a pedido de Curt Meyer-Clason, o tradutor alemão de *Zero,* fez um dicionário para tradutores, o que facilitou o trabalho de novas versões do livro. "Fiz dezenas de questionamentos a você. Por que não organiza essas perguntas e respostas em um volume? Assim terá um dicionário para os tradutores. Cada vez que o *Zero* for vendido, você entra em contato com o tradutor e envia o 'dicionário'", sugeriu Meyer-Clason. Assim Ignácio passou a distribuir um dicionário de mais ou menos 100 páginas para os novos tradutores de *Zero.*

Em 2010, a editora Global organizou uma edição especial em comemoração aos 35 anos de *Zero*, que reúne, além do dicionário para tradutores, textos que reconstroem o caminho do livro por meio de matérias de jornal, capas e documentos da época em que o romance foi lançado.

Como costuma acontecer com os clássicos, *Zero* ganhou ainda mais importância com o passar das décadas e é considerado hoje um dos livros mais emblemáticos da literatura brasileira. O tremor de terra provocado pelo livro foi tamanho, que o romance passou a assombrar seu autor, que se via preso à própria obra-prima que produziu. "Certa época de minha vida, cheguei a odiar *Zero,* a me preocupar. Falavam de Ignácio Loyola, falavam de *Zero.* Era um peso, uma prisão. Pensei em parar de escrever. Depois dele veio um romance importante para mim, *Dentes ao sol*, mas que não teve nenhuma crítica, nenhuma repercussão. Hoje tem. Até que chegou *Não verás país nenhum*, que provocou tamanho impacto e me 'liberou' do *Zero.*" ■

# CAPA | A CRÔNICA HOJE

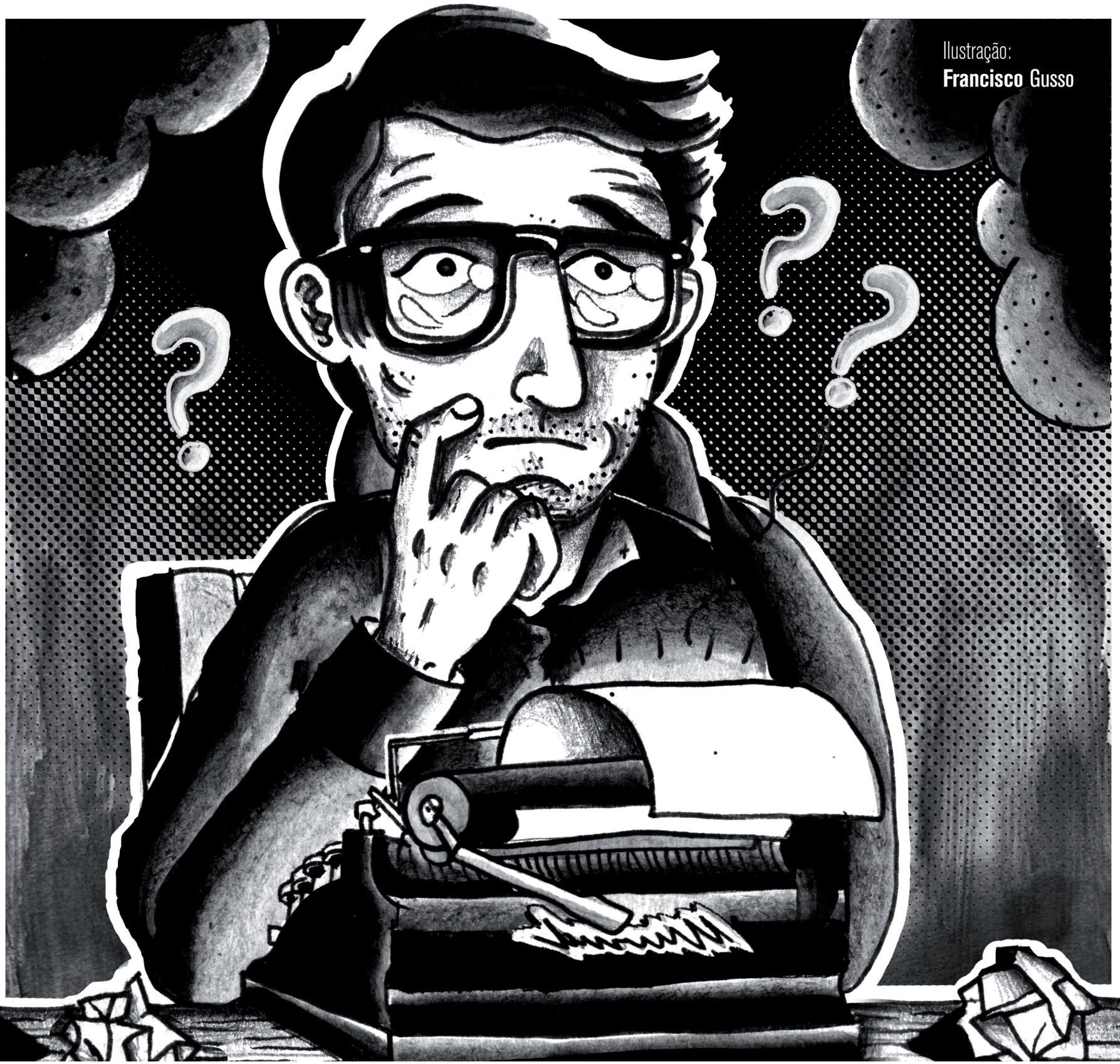
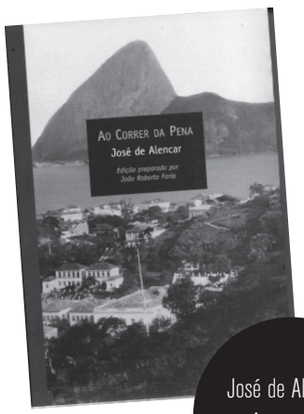


Ilustração:
**Francisco** Gusso

# As facetas da crônica no século XXI




José de Alencar – *Ao correr da pena*

Machado de Assis – *Relíquias Casa Velha*

João do Rio – *A alma encantadora das ruas*

## De relatos do cotidiano no século XIX à condição de texto literário de qualidade no século XX, a crônica foi reinventada no Brasil e se apresenta como espaço livre para diversos assuntos sob variadas abordagens

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Antonio Prata é unanimidade. Especialistas, professores universitários, leitores e colegas de ofício o apontam como um dos melhores cronistas brasileiros do tempo presente. Aos 35 anos, tem espaço fixo no caderno "Cotidiano", do jornal *Folha de S.Paulo*, toda quarta-feira. Qual é o segredo de Prata? Ou, então, sobre o que ele escreve?

"A única coisa que não pode entrar na crônica é a chatice, o tédio", diz o sujeito que aos 14 anos escreveu a sua primeira crônica, sobre a rua onde passou a infância — que seria demolida para dar vez a uma avenida. Desde então, produz continuamente, apesar de também ter flertado com o conto. "O que produzi de melhor foram crônicas."

Autor do livro *Meio intelectual, meio de esquerda* (2010), o filho do escritor Mario Prata tem os olhos abertos para assuntos contemporâneos, por exemplo, a mania que os universitários têm de tentarem ser diferentes, sobretudo, do resto da humanidade. Em um de seus textos mais conhecidos, "Bar ruim é

> "A única coisa que não pode entrar na crônica é a chatice, o tédio"
>
> **Antonio Prata**

# CAPA | A CRÔNICA HOJE

Divulgação

Antonio Prata tem olhos abertos para o mundo contemporâneo e sabe radiografar, por exemplo, a juventude letrada, meio intelectual, meio de esquerda, que gosta de bar ruim.

lindo, bicho", ele trata desse tema.

"O problema é que aos poucos o bar ruim vai se tornando *cult*, vai sendo frequentado por vários meio intelectuais, meio de esquerda e universitárias mais ou menos gostosas. Até que uma hora sai na *Vejinha* como ponto frequentado por artistas, cineastas e universitários e, um belo dia, a gente chega no bar ruim e tá cheio de gente que não é nem meio intelectual nem meio de esquerda e foi lá para ver se tem mesmo artistas, cineastas e, principalmente, universitárias mais ou menos gostosas. Aí a gente diz: eu gostava disso aqui antes, quando só vinha a minha turma", escreveu o cronista no texto que, inclusive, integra *As cem melhores crônicas brasileiras* (2007), coletânea organizada por Joaquim Ferreira dos Santos.

O assunto, aparentemente banal, torna-se interessante, principalmente, por causa do humor, uma das marcas da prosa de Prata. Ele consegue elaborar textos leves e engraçados em meio ao caos do cotidiano da grande São Paulo, onde mora, e também em território estranheiro. Já esteve a trabalho na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, e no Japão, onde acompanhou — no ano passado — a bem-sucedida performance do *Corinthians* no Campeonato Mundial de Clubes. "Acima de tudo, a crônica tem a obrigação de agradar o leitor", afirma o cronista da *Folha*, há algum tempo também contratado para escrever roteiros para a Rede Globo — colaborou com a equipe da novela Avenida Brasil e está envolvido em projetos a respeito dos quais pede sigilo.

**O melhor do Brasil**

O professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Luís Augusto Fischer acredita que a crônica é um dos gêneros nos quais os autores brasileiros atingem os melhores resultados. "O Brasil é bom em gêneros artísticos breves: crônica, canção e caricatura, talvez também o conto. Nos gêneros mais longos temos coisa boa com o melhor que o mundo já produziu, como Machado de Assis e Guimarães Rosa, mas parece que nos breves a gente se dá bem de modo mais tranquilo", afirma Fischer, escritor e também cronista do jornal *Zero Hora*.

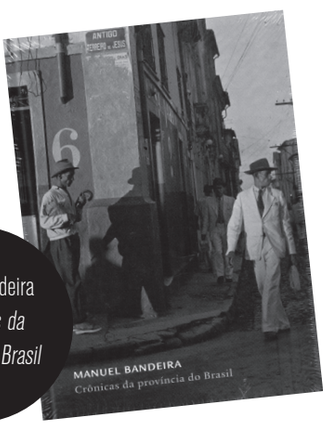
O estudioso gaúcho conhece o tema. Debruçou-se sobre as crônicas de Nelson Rodrigues, assunto de sua tese de doutorado e conteúdo do livro *Inteligência com dor — Nelson Rodrigues ensaísta* (2009). Além de identificar na crônica o melhor da prosa brasileira, Fischer aponta para outra questão: o gênero adquiriu características próprias no Brasil. "Tem mesmo algo de particular na crônica brasileira, embora se possa encontrar gente escrevendo impressões pessoais em jornais e revistas mundo afora. Talvez seja o fato de a crônica ter-se constituído, ao longo da história, num gênero afinado com a informalidade brasileira, ter acolhido a língua cotidiana", argumenta o professor de Literatura Brasileira da UFRGS.

Em língua portuguesa, explica Fischer, a palavra — crônica — nasceu na Idade Média para designar relato da vida dos reis; no século XIX, começou a ser usada, mas sem regularidade, para comentários sobre a vida. No Brasil, José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, João do Rio, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e outros escritores assinaram crônicas em impressos diários, onde defenderam (e combateram) ideias, além da divulgação de seus nomes.

De maneira resumida, é possível dizer que a crônica é um texto breve escrito para jornal. A definição é do espe-

> "A crônica verdadeira, que se abastece sobretudo de poesia e sensibilidade, é cada vez mais rara"
>
> **Alexandre Pilati**

Olavo Bilac – *Ironia e Piedade*




Manuel Bandeira – *Crônicas da província do Brasil*

Oswald Andrade – *Ponta de lança*

cialista da UFRGS, para quem o gênero abriga qualquer assunto, em especial temas do cotidiano, por meio de uma abordagem pessoal, assinada por um indivíduo que de alguma forma conquistou para a sua voz um reconhecimento na comunidade em que o impresso circula.

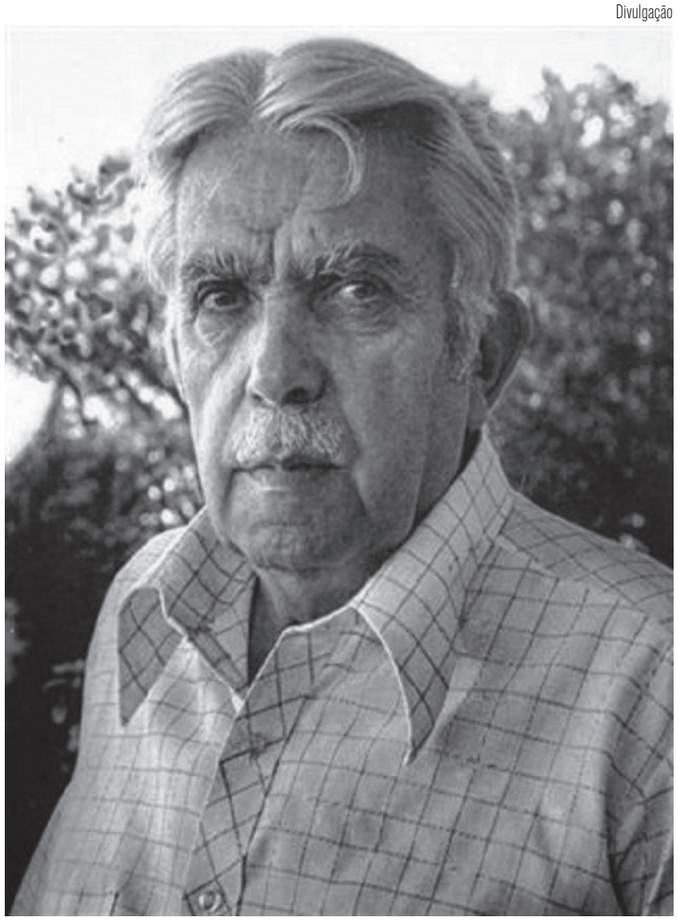
**O velho Braga e os novos tempos**

O Rio de Janeiro, então capital federal, foi território onde a crônica brasileira vingou, e se desenvolveu flertando com a literatura. Naquele contexto, nomes do primeiro time da ficção passaram a colaborar com jornais. "No século XX, a profissão de escritor começou a se desenvolver mas, como os livros não garantiam retorno financeiro, escritores que ascenderam das classes baixas e médias, muitas vezem atuavam como funcionários públicos e encontravam na crônica uma renda extra. Os baixos salários geraram a crônica literária brasileira", afirma Charles Kiefer, escritor e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

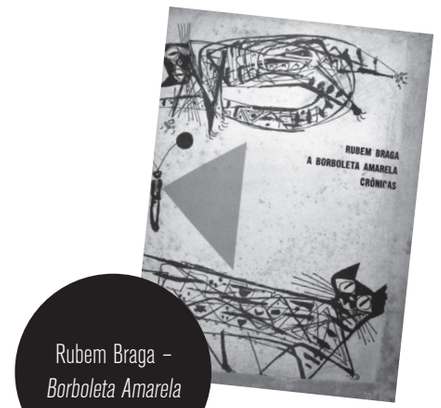
Kiefer se refere — sobretudo — aos mineiros Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, entre outros (leia mais no artigo de Carlos Herculano Lopes). Além desses autores, um outro sujeito — chamado Rubem Braga — deixou a sua cidade natal, Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, para viver no Rio de Janeiro e carimbar o passaporte rumo à eternidade. Este ano, centenário de seu nascimento, o Brasil festeja o "Velho Braga", como o autor se referia a si mesmo, com exposições, peças, *shows* e a reedição de alguns de seus livros, entre os quais *200 crônicas escolhidas* e *Na cobertura de Rubem Braga*, de José Castello.

Autor de mais de 15 mil crônicas, Braga é considerado o mestre do gênero. Conseguia literalmente tirar leite de pedra. Escreveu, com sofisticação, a respeito de tudo: pé de milho, borboleta, a perplexidade de amar e também sobre a falta de assunto. "Ele produziu um texto poético que podemos chamar de crônica literária", define Kiefer.

Divulgação



Rubem Braga dedicou-se integralmente à crônica: escreveu mais de 15 mil textos e devido à sofisticação de linguagem elevou o gênero ao patamar da chamada alta literatura.



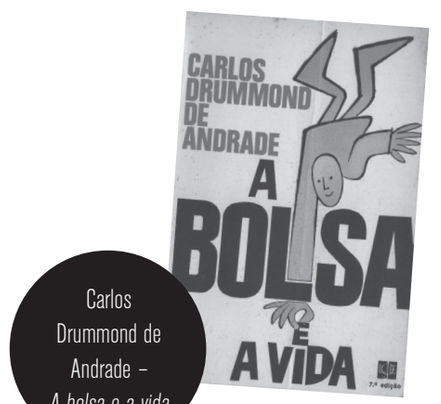

Rubem Braga – *Borboleta Amarela*

Antonio Maria – *Bendita sejam as moças*

De Braga para o século XXI, muito — se não tudo — se modificou. Hoje, o jornal *Folha de S.Paulo* conta com mais de cem colaboradores que assinam textos, muitos dos quais são recebidos — por leitores — como crônica. Outros jornais e revistas também preenchem páginas com textos autorais. São crônicas?

Na opinião do professor de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília (UnB) Alexandre Pilati, nem tudo que é apresentado, e vendido, como crônica é crônica. "No geral, a grande condição [para escrever uma crônica] é o preparo literário, o que falta à maioria dos que se chamam cronistas na nossa imprensa de hoje", afirma Pilati, também poeta, autor do livro *Prafóra* (2007).

Pilati analisa que as mídias digitais, catalizadas pela internet, fizeram com que os impressos — lenta, mas irreversivelmente — perdessem a sua função principal, que é informar. Em tese, sem produto — uma vez que as notícias são veiculadas em tempo real no Facebook, no Twitter, em *blogs* e *sites* —, os veículos de comunicação apelaram para "outros textos". "Assim, é sintomático que os jornais tenham se inflado de colunistas ou pseudo-cronistas, tentando garantir algum espa-




Carlos Drummond de Andrade – *A bolsa e a vida*

# CAPA | A CRÔNICA HOJE

Divulgação

Martha Medeiros trata e traduz os anseios e dilemas da maioria dos leitores brasileiros, o que lhe garante espaço fixo em jornais e coletâneas de crônicas com excelente vendagem.

ço na atenção do leitor com comentários, análises, opiniões, etc. Na verdade, embora haja bons colunistas, no geral há muita gente despreparada, textualmente, literariamente e intelectualmente para fazer esse tipo de coisa. O jornal acaba sendo um calhamaço tedioso de opiniões anódinas. A crônica verdadeira, que se abastece sobretudo de poesia e sensibilidade, é cada vez mais rara", afirma o professor da UnB, completando que a crônica, atualmente, está fora dos grandes jornais — "certamente poderemos ver boas coisas publicadas no ambiente virtual."

O site *Vida Breve* [www.vidabreve.com.br], por exemplo, publica diariamente crônicas inéditas de escritores brasileiros de variadas gerações, entre os quais Humberto Werneck, Fabrício Carpinejar, Marcia Tiburi e Marcelo Moutinho. Ana Elisa Ribeiro é autora dos textos sobre o cotidiano com mais audiência no Digestivo Cultural [www.digestivocultural.com]. Pilati recomenda a blogueira Conceição Evaristo [http://blogueirasfeministas.com], para ele, "o grande nome de destaque num tipo mais tradicional de exercer o cronismo literário". "Não procuraria os grandes cronistas em jornais tradicionais, procuraria em *blogs* e *sites*", sugere o pesquisador da UnB.

**Não apenas leve e palatável**

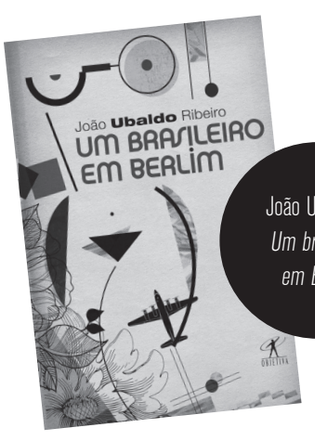
Em 2013, já não há aquele espaço-tempo, aquele mundo, no qual Rubem Braga podia relaxar e voltar os olhos para os movimentos de uma borboleta. Urgências aparentemente inadiáveis, como conferir se chegou uma nova mensagem no *e-mail*, provocam a sensação de que não há tempo a perder. A crônica, espelho do cotidiano, agora, é outra. O professor da UnB observa que há mais elementos que fazem do presente um período hostil ao lirismo. "Vivemos uma época de abissal individualismo e ensimesmamento vazio, o que denuncia a grave patologia coletiva de idolatria da própria pequenez. Por sua vez, a crônica é um gênero de entrega honesta ao outro e ao mundo, são raros os homens e mulheres que têm sensibilidade para converter essa disposição em textos tocantes, simpáticos e inquietantes", argumenta Pilati.

A crônica, enfim, segue por outros caminhos no século XXI. A professora de Literatura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Vera Lúcia de Souza Lima entende o gênero como um espaço aberto, que não pode ser refém da leveza que os mineiros e Antônio Maria, Rubem Braga, entre outros bambas, encontram no cotidiano e traduziram em palavras. "Escrever crônica não é apenas falar de assuntos agradáveis, mas também levar em conta problemas complexos. A liberdade, na crônica, diz respeito ao tratamento dos temas, à maneira de enunciar e como dizer", comenta Vera, citando o poeta Affonso Romano de Sant'Anna como exemplo de cronista em sintonia com os impasses do mundo contemporâneo (leia mais na entrevista com o autor).

Há dez anos, Vera recebeu um convite de Alcione Araújo, morto ano passado. O dramaturgo queria que a professora da PUC-Rio selecionasse textos que ele publicava no jornal *Estado de Minas* para uma coletânea. Vera leu o conte-

Fernando Sabino – *As melhores crônicas de Fernando Sabino*

Nelson Rodrigues – *A cabra vadia*




João Ubaldo – *Um brasileiro em Berlim*

Divulgação

Luis Fernando Verissimo é considerado um dos melhores cronistas brasileiros: ele decifra a comédia da vida privada e pública e tem leitores em todo o país.

> “Difícil conceituar, já que é um gênero que se expandiu muito e hoje absorve inúmeros estilos e formas. Cada autor personaliza a crônica a seu modo”
>
> **Martha Medeiros**

údo e escolheu 65 crônicas. O resultado foi o livro *Urgente é a vida* (2004) — vencedor do prêmio Jabuti, categoria crônicas e contos em 2005. “O fato de a obra ter vencido um dos mais importantes prêmios da literatura brasileira apontou que a minha escolha teve coerência. Mais que isso. O Alcione, que até então não tinha certeza se era ou não cronista, vibrou com o reconhecimento”, diz Vera. A especialista observa que os textos de Araújo tratam de relacionamento, poesia, incidentes cotidianos e estão na fronteira entre o conto e a crônica. “O que comprova a minha tese, segundo a qual, a crônica é, de fato, um gênero aberto.”

**Leveza para o *flash* que é a vida**

Se Antonio Prata é considerado por pesquisadores como a voz mais interessante da nova crônica brasileira, também há uma outra unanimidade: o veterano Luis Fernando Verissimo, que sabe tratar de qualquer assunto com perspicácia e humor. No entanto, há uma terceira presença na crônica que recebe aplausos de estudiosos, além de estar presente no imaginário dos leitores. Trata-se de Martha Medeiros — elogiada, por exemplo, pelo professor da PUCRS Charles Kiefer.

Martha estreou como cronista em julho de 1994 nas páginas do diário *Zero Hora*. Aos 51 anos, contabiliza 22 livros no currículo, incluindo poesia, romance e antologias de crônica. A exemplo da professora PUC-Rio Vera Lúcia de Souza Lima, ela também entende a crônica como um gênero aberto. “Difícil conceituar, já que é um gênero que se expandiu muito e hoje absorve inúmeros estilos e formas. Cada autor personaliza a crônica a seu modo”, afirma.

Uma crônica, defende Martha, pode abrigar personagens fictícios e também incluir tom nostálgico, engajamento político, comentário frugal do cotidiano, humor, revolta e até mesmo confissão. “A crônica pode tudo, é um espaço aberto onde seu titular estabelece um diálogo íntimo com o leitor, sem a necessidade de ser parcial ou conivente com a linha editorial do veículo. Essa liberdade é sedutora para quem escreve e para quem lê”, acrescenta a autora que tem os seus textos veiculados nos jornais *Zero Hora* e *O Globo*, além de impressos de São Paulo, Bahia, Espírito Santo e de outros Estados que reproduzem o conteúdo.

A cronista gaúcha é identificada por tratar, entre vários temas, da felicidade. Ou do viver bem. “Vejo muita gente se queixando por bobagem, boicotando o próprio bem-estar. A vida é um suspiro, um *flash*. Não faz sentido passar por aqui sem extrair diversão, prazer e reflexão sobre quem somos e o que queremos. Não há frivolidade alguma nessa busca”, argumenta. Martha considera patético quem se “afoga em um pires”. “Há tragédias nessa vida: perder um filho, a casa, o emprego, mas para quem não está vivendo essas tragédias, apenas passando por chateações corriqueiras (são muitas, porém não dramáticas), acho importante fazer um alerta: ‘Ô, acorda’. Escrevo sobre isso porque possuo esse olhar leve para a vida, não é marketing, sou assim, vivo assim. À medida que fui revelando esse meu lado, descobri que muitos leitores se interessavam por essa abordagem, mas não faço desse assunto o meu único mote”, diz a escritora, que não esconde a alegria com a recepção de sua obra: “É uma benção ter conquistado a empatia do leitor e através dela manter essa minha atividade que, de um jeito meio caótico e surpreendente, deu tão certo.” ■

Caio Fernando Abreu – *Pequenas epifanias*

Carlos Heitor Cony – *Os anos mais antigos do passado*

Antonio Prata – *Meio intelectual meio de esquerda*

# "O cronista olha pelo buraco da fechadura"

O intelectual mineiro diz que hoje muitos textos que são lidos como "crônica", na realidade, não passam de comentários, colunas ou artigos

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Com a propriedade de quem tem quase 50 anos como cronista, Affonso Romano de Sant'Anna chama a atenção para um fato, um tanto crônico: "A universidade brasileira precisa descobrir a crônica". Afinal, alega o poeta, ensaísta e também cronista, "o que existe teoricamente sobre crônica ainda é muito precário". O mineiro de 75 anos atualmente escreve nos jornais *Estado de Minas* e *Correio Braziliense*. Também é possível lê-lo no Facebook e nas páginas do recém-lançado *Como andar no labirinto*, livro que reúne 65 de suas crônicas.

Nesta entrevista exclusiva ao **Cândido**, Sant'Anna — que substituiu Carlos Drummond de Andrade como cronista no *Jornal do Brasil*, durante a década de 1980 — faz questão de diferenciar o cronista do comentarista, do articulista e do colunista. "Não se deve confundir a crônica com blá-blá-blá. A boa crônica tem que ser uma coisa redonda. Há cronistas que contam ex-

Evandro Teixeira

Ao lado de Chico Buarque, no desfile da Escola de Samba Mangueira, campeã em 1987 com o enredo "O Reino das Palavras, Carlos Drummond de Andrade".

periências pessoais, outros que contam piada, outros estorietas, outros fazem devaneios literários e há quem se meta em diatribes políticas", afirma o intelectual que esteve à frente da Fundação Biblioteca Nacional entre 1990 e 1996.

O cronista, na opinião de Sant'Anna, precisa ter responsabilidade sobre o que escreve porque a crônica — enfatiza — interfere na realidade. "A crônica [que escrevi] sobre Tim Lopes levou várias pessoas a pararem de consumir drogas e um editor pediu que eu selecionasse textos só sobre violência para o volume *Nós, os que matamos Tim Lopes*", conta, completando que qualquer assunto pode entrar na crônica: "É como no romance, no conto ou no poema. Qualquer assunto pode virar romance, conto ou poema."

Sant'Anna também recupera episódios de sua atividade de cronista, inclusive o convívio com Rubem Braga e Fernando Sabino. Com faro apurado de cronista, conta como se deram as demissões de cronistas célebres como Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, dele próprio e de sua esposa, Marina Colasanti.

**O que é crônica?**

No livro *A vida por viver* faço uma coisa temerária, mas necessária: três crônicas sob o título "Teoria da crônica". Crônica, metacrônica. Não sou um escritor ingênuo. Tento entender o *que* faço, *porque* faço e *como* faço. Portanto, raciocino sobre esse *métier*. O que existe teoricamente sobre crônica ainda é muito precário. A universidade precisa descobrir a crônica. Não é um simples blá-blá-blá como supõem alguns. O cronista é um jornalista a quem é permitido falar na primeira pessoa, mas seu "eu", como na boa poesia, tem que ser de utilidade pública. Sinteticamente, diria que o cronista difere do "colunista", do "articulista" e do "comentarista". Tecnicamente, o cronista é metonímico: através de um detalhe ele fala do todo. O jornal noticia, o cronista interpreta o fato afetivamente e alegoricamente. O cronista olha pelo buraco da fechadura.

**A crônica é um gênero tipicamente brasileiro?**

Volta e meia se afirma isso. Mas tenho topado com cronistas em jornais estrangeiros. E no Brasil criou-se uma coisa curiosa: muitos escritores entregaram-se à crônica, de Machado de Assis aos nossos dias. Poderia dar dezenas de exemplos. Mas pensando no caso brasileiro, sinto que é necessário perceber uma certa diferenciação. Há escritores que escrevem crônicas, mas nem todo escritor é um (bom) cronista. E há escritores essencialmente cronistas, como Rubem Braga. Ele é o inventor da crônica moderna, da mesma maneira que Nelson Rodrigues inventou um tipo desconcertante de crônica de futebol. Há aqueles, como Fernando Sabino, que foram devorados pela crônica. E há autores interessantes que têm que ser revisitados, como Anibal Machado, que transitaram entre a poesia e a prosa, que valorizaram o fragmento, antes que isto virasse assunto universitário. E no caso do fragmento, veja Clarice Lispector: o que ela chamava de "crônicas" são possíveis trechos/fragmentos de seus romances. Portanto, é necessário estabelecer uma categorização, uma tipologia da crônica, mostrando onde ela se mistura e ao mesmo tempo deixa de ser comentário, artigo ou coisa de colunista.

**Do catupiry da coxinha ao escândalo de Brasília, das lindas pernas da morena de Ipanema aos deslizes do Prêmio Jabuti, enfim: tudo cabe na crônica? Ou a crônica tem limites?**

É como no romance, no conto ou no poema. Qualquer assunto pode virar romance, conto ou poema. Na crônica, até a falta de assunto pode virar assunto de crônica — até hoje escapei disso. Isto dá até uma tese. Quando você elege um cronista, você elege um " olhar", um modo de ver o mundo. Mas não é só isto. Já que o "estilo é o homem (ou mulher)", esse modo de ver é também um estilo, uma maneira de escrever a vida.

**Machado de Assis, João do Rio, Rubem Braga, Antônio Maria e Fernando Sabino, entre outros fazem parte do cânone da crônica no Brasil? Aliás, temos um cânone nesse gênero?**

Olha, estou tentando escrever um texto-depoimento sobre crônica para uma coleção que o José Castilho, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), vai lançar, intitulada generosamente "Coleção ARS". Já escrevi um ensaio sobre meu trajeto nesses mais de 50 anos de poesia, outro ensaio sobre minha experiência na crítica/ensaios e preparo agora esse sobre minha experiência na crônica. Conto casos concretos de recepção de certas crônicas, tento entender esse gênero. Ou seja, o que era a crônica quando entrei nessa área e o que é, ou não é, hoje. Fui e sou leitor daqueles cronistas a que se referiu. E de outros. O que acho é que hoje está havendo uma confusão, uma perversão em torno da crônica. Volto a insistir na diferenciação entre "comentarista", "articulista", "colunista" e "cronista". A *Folha de S.Paulo* informa que tem mais de cem "colaboradores" nessa área. Os outros jornais seguem por aí. O fato de a crônica estar modernamente ligada à história do jornal é interessante. Por exemplo: quando, nos anos 1960, pesquisei Drummond e o grupo de escritores mineiros que escreveram no *Diário de Minas* entre 1920 e 1930, notei que eles apareciam na seção "Sociais". Era como se fosse a hora do recreio dentro do jornal e ali apareciam poemas, crônicas, etc. Um Antônio Maria que tinha em *O Globo* antigo a seção "Mesa de Pista" vem dessa tradição. Crônica era a hora do devaneio literário.

**Quem são os seus cronistas favoritos?**

Volto a dizer que não se deve confundir

# CAPA | ENTREVISTA | AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

a crônica com blá-blá-blá. A boa crônica tem que ser uma coisa redonda. Há cronistas que contam experiências pessoais, outros que contam piada, outros estorietas, outros fazem devaneios literários e há quem se meta em diatribes políticas. Tendo não ser monocórdio, variar sempre, porque você escreve para um público muito variado. A crônica é coisa de muita responsabilidade. Você modifica a vida de uma pessoa com uma frase. Uma leitora me mandou um e-mail dizendo que se mudou para Europa há 20 anos, depois que leu "A mulher madura", porque lá eu dizia que a mulher madura estava pronta para ir à Grécia ou assentar-se numa praça de Siena. Toda semana, há quase 30 anos, recebo recados de pessoas que se comovem com "Antes que elas cresçam". Esse texto já foi lido em casamentos, batizados e até no nascimento de filho de Luciano Hulk e Angélica.

**Como definir o cronista Affonso Romano de Sant'Anna?**

Sendo um escritor crônico, estou preso ao meu tempo: é daí que parte minha perplexidade diante da história e do cosmos. Literatura é uma forma de transcendência. E o cronista que não transcende o seu eu e o instante será relegado à peça arqueológica. Tenho a noção de que minha obra de poeta-cronista-ensaísta está entrelaçada. Algumas de minhas crônicas foram chamadas de "poemas", como o caso do texto que escrevi para Hélio Pellegrino quando soube de sua morte — "O telefone e o amigo morto". Estava no meu escritório, Rubem Braga me telefonou dando a notícia. Eu ia começar outra crônica para a qual me preparei, mas diante daquele fato, o que fazer? Respirei fundo, e fiz uma crônica, que Fernando Sabino chamava de poema. Mais tarde a publiquei como poesia, pois o tônus dela era realmente poético. Algumas crônicas, no entanto, tinham um endereçamento político. A crônica sobre Tim Lopes levou várias pessoas a pararem de consumir drogas e um editor pediu que eu selecionasse textos só sobre violência para o volume *Nós, os que matamos Tim Lopes*. A crônica sobre seguros de saúde fez o Bradesco pagar os atrasados com as casas de saúde do Rio. A crônica "A mulher madura" ganhou espaço em rádio e televisão, e circula até hoje na internet. Atualmente, estou fazendo duas experiências ou metido em dois desafios. Na Rádio Metrópole de Salvador, faço um comentário semanal. É uma crônica radiofônica, onde o texto está ligado à minha voz. Outra é o "Quase-diário", que venho publicando no jornal *Rascunho*. Neste caso, seleciono anotações antigas, tópicos e casos que vivenciei entre artistas.

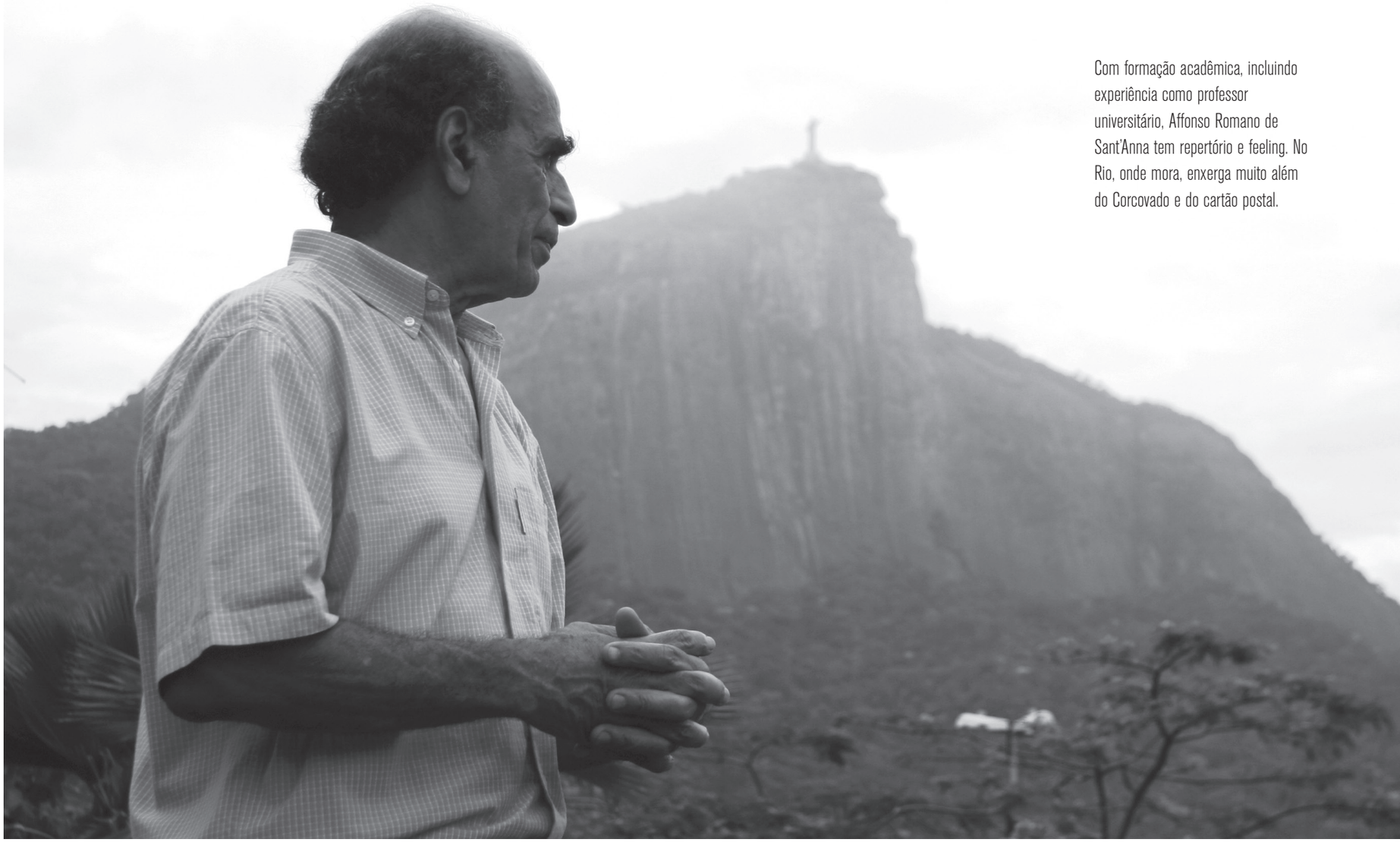
**Pode falar sobre o seu percurso de cronista na imprensa brasileira?**

Comecei com 17 anos, meu primeiro texto em jornal foi uma crônica, horrível, claro, só publicada por motivos que nem sei explicar. Guardei esse e outros textos para exercitar a humildade. Como eu era ruim! Os que me acham ruim hoje não podem ter ideia como já fui pior. Depois publiquei no *Diário da Tarde*, de Belo Horizonte, em uma seção chamada "Revezamento", que dava espaço aos jovens. Em seguida, na revista *Três Tempos*, onde também escreviam o Fernando Gabeira, o Ivan Ângelo e o Roberto Drummond. Atuei na *IstoÉ*, depois na *Manchete*, onde fiquei poucos meses e para substituir o Carlos Drummond de Andrade no *Jornal Brasil*. Fiquei no *JB* até 1988 e fui para *O Globo*, a convite do próprio Roberto Marinho. O esporte dele era tirar colaboradores do *Jornal do Brasil*. Ele tinha tirado de lá o Chico Caruso, logo após fui eu e depois o Zózimo. Permaneci em *O Globo* por 17 anos, até ser demitido em 2006, sob a alegação de que o jornal estava em dificuldades financeiras. Fiquei, no entanto, muito feliz porque com minha saída o jornal recuperou-se financeiramente. Um capítulo interessante na história da crônica e dos cronistas é a demissão. Clarice Lispector, por exemplo, foi demitida do *JB* sumariamente. Ela recebeu de volta a sua última crônica. O Drummond foi dispensado da *Folha de S.Paulo*, segundo ele me disse, porque o jornal achava que seu texto era velho. Era a época que se pregava que não se devia acreditar em quem tinha mais de 30 anos. Seria interessante ver as estórias de Rubem com Assis Chateaubriand e os Bloch. E, no plano doméstico, Marina Colasanti [com quem Sant'Anna é casado], cuja colaboração na revista *Nova* havia elevado a tiragem da revista a recordes históricos, foi também sumariamente demitida sob a alegação de dificuldades financeiras da Abril. Quer dizer, a Abril e o sistema Globo nos devem a vida.

**Qual a sua relação com a crônica? Necessidade de escrever esse tipo de texto? É um hábito? Fonte de renda?**

A crônica se transformou, para mim, num modo necessário de expressão. Da mesma maneira que alguém diz: isto daria um filme, uma música, aprendi desentranhar a crônica do cotidiano. Virou vício, segunda natureza. Descobri o que eu pensava sobre certas coisas por causa da crônica que tinha que escrever. Nesse sentido, ela enriquece a minha vida, antes de tudo. E, claro, o contato com o leitor é realimentador, gratificante. Enquanto você leva anos para publicar um livro de poemas ou ficção, a crônica bate-pronto e a resposta do leitor é imediata. É também um execício de escrita. Financeiramente ajuda. Na verdade, o público da crônica não é necessariamente público de literatura. É o publico de jornal e revista. Muitos leitores te descobrem por acaso nas revistas de consultório. A crônica vai até eles, atrás deles. É uma literatura volante.

Foto: arquivo do autor



Com formação acadêmica, incluindo experiência como professor universitário, Affonso Romano de Sant'Anna tem repertório e feeling. No Rio, onde mora, enxerga muito além do Corcovado e do cartão postal.

**O senhor substituiu o Drummond no JB? Poderia comentar como foi esse episódio?**

Para mim, foi uma surpresa. Acho que foi consequência dos artigos/ensaios/crônicas/poemas que eu publicava no *JB* e que o Paulo Rocco pediu para reunir em *Politica e paixão*. Curioso é que o Drummond não teve qualquer participação na minha escolha pelo jornal. Foi deliberação da direção. Desde logo percebi que não se tratava de "substituir" o outro. Cada um tem seu ponto de vista, escritor não é peça de automóvel que se substitui. E a rigor eu achava que Drummond não usava seu espaço com a força que tinha. Durante a ditadura, ele ficava numa conversa de meio tom, numa desconversa mineira. Vou até lhe fazer uma revelação: a ditadura estava comendo solta e ele naquele tom neutro. Um dia, não sendo cronista de jornal algum, fiquei tão furioso que sentei e escrevi uma crônica, a crônica que gostaria de ler no jornal. Guardei essa crônica vários anos. Quando aconteceu de me chamarem, a publiquei — trata-se do texto "Da minha janela vejo". Era o que eu via de minha janela frente à favela: três pontos de vista: eu vendo o marginal limpando seu revólver se preparando para o assalto, o policial passivamente dando a ronda rotineira e eu o futuro assaltado pré/vivendo a cena. Quando comecei a escrever no *JB*, trouxe a questão da violência cotidiana para a crônica. O Rio já não era mais "o barquinho vai, o barquinho vem", não era mais bossa-nova, nem o Rio lírico de Rubem Branca, nem bastava os caso engraçados de Fernando Sabino. A cidade (o Brasil) perdeu sua ingenuidade. E o cronista tinha que dar conta disto, embora falasse às vezes de amenidades. ■

# COMO NÃO ESCREVER CRÔNICAS

Ilustração:
**Marciel** Conrado

MATTHEW SHIRTS

Diferente da maioria dos cronistas, eu me lembro da primeira crônica que escrevi. Foi em San Francisco, num apartamento do hotel Hilton, próximo ao centro da cidade, no nono andar. Corria o ano de 1994.

Comecei no fim da tarde. Fechei a cortina para me proteger da luz. A entrega estava marcada para o início da tarde do dia seguinte, via fax. Sairia publicada no caderno especial da Copa do Mundo do diário *O Estado de S.Paulo*. Era muita responsa.

Escrevi, escrevi e escrevi mais um pouco. Joguei tudo fora. Escrevi mais e imprimi. Joguei fora. Comecei de novo. Tomei um gole de uísque. Escrevi mais. Joguei fora. Andei pelo quarto. Pedi um hambúrguer. Veio um sanduíche de responsa. Com fritas e uma garrafinha bonitinha de ketchup Heinz. Guardei a garrafa na mala para não me esquecer de levá-la para meus filhos em São Paulo.

Os hambúrgueres comidos em quartos de hotel nos Estados Unidos estão entre os melhores, diga-se de passagem. É um gênero específico do qual só americano entende. Os gringos são especialistas em culinária feita para ser consumida fora

da mesa. Fui mastigando com gosto, pensando com força na crônica. Ainda não estava boa. Mas ficaria. Teria que ficar.

Comi os picles e deixei metade das fritas no prato e levei os restos para o corredor do nosso andar. Não alcançaria a concentração necessária com o prato sujo e aquela tampa de metal no quarto. Fui buscar gelo no oitavo andar com o baldinho de plástico fornecido pelo hotel. Voltei. Não esqueci a chave do quarto, graças a Deus (já me acontecera antes). Coloquei o gelo em um copo novo, joguei o uísque por cima, e tomei mais uns bons goles para me inspirar.

Escrevi mais. O primeiro parágrafo estava bom, mas joguei fora o resto, de novo. Comecei a sentir o estômago. Era nervosismo misturado com picles. Será que conseguiria terminar uma crônica que prestasse a tempo? A rigor teria a noite toda. Mas o uísque já batera. Cometi mais algumas linhas sem norte e me entreguei ao desespero.

Comecei a passar mal. Resolvi ir até o banheiro enfiar o dedo na garganta. Seria violento, mas era o jeito. Fiquei de joelhos abraçado na privada. Os resultados eram pífios. Levantei-me e fui até a pia lavar a mão. Voltei a enfiar a mão na boca e aconteceu. Veio um bom pedaço do hambúrguer, misturado com fritas e o cheiro inconfundível de uísque misturado com vômito. Ao menos caíra quase tudo dentro da privada. Dei uma limpada na louça sanitária e, depois, apertei a descarga. Lavei a boca e a mão de novo e voltei para o computador na mesa.

Sentia-me melhor. Consegui escrever mais um parágrafo. Agora vai, pensei. Depois outro. Escrevi mais dois ou três. Estava próximo ao fim. Melhor dormir, resolvi. Estava acabando. Acordaria cedo, bem cedo, e terminaria o texto com a cabeça no lugar. Liguei para a telefonista e pedi uma chamada de despertar para às 5h30.

O pior nessa história toda é que não me faltava assunto. Minha tarefa era escrever sobre a primeira Copa do Mundo a ser realizada logo mais nos Estados Unidos. Sou americano de nascença. Fui criado na Califórnia e fiz meus estudos universitários na região de San Francisco. Especializei-me na história da cultura brasileira, com interesse especial pelo futebol e pelo carnaval e de como se cruzaram ao longo do século XX com a literatura do país. Escrevera e publicara ensaios a esse respeito, em inglês e português, em livros, revistas e até mesmo no próprio *Estadão*, por vezes comparando a tradição esportiva brasileira com a americana.

Não me faltava assunto, uma das queixas mais frequentes entre cronistas. Não precisei buscar inspiração no próprio umbigo. Mas nunca antes escrevera uma "crônica". Sabia do que se tratava. Lera muitas crônicas na vida. Era fã do Nelson Rodrigues, entre outros. Mas eu não tinha nenhuma experiência própria no assunto.

Estava ali a convite do diretor de redação do jornal, Aluísio Maranhão, que acatara a sugestão do Mario Prata, este sim, cronista de mão cheia, de legítima origem mineira e tudo. Graças ao meu conhecimento das tradições esportivas do Brasil e dos Estados Unidos, Prata achou que eu deveria ser incluído na equipe de cronistas do *Estadão* daquela Copa. Entre os colegas de equipe estavam alguns dos mestres do gênero no Brasil, como Luis Fernando Verissimo e João Ubaldo Ribeiro. O outro motivo, mais forte, ainda, é que falo inglês e meu amigo Mario Prata, não. Queria para ele um guia e tradutor. Fomos com o cartunista Paulo Caruso. Passamos nós três um mês glorioso na Califórnia. Mas aí já é outra história.

Provara eu meu valor de escritor em longos ensaios sobre cultura popular no *Estadão*, onde discuti desde o significado da morte do Ayrton Senna até o valor simbólico do vasilhame retornável de cerveja.

Mas nunca fizera, até aquele dia, nenhuma crônica, como vinha dizendo. Não é que o gênero seja exclusividade dos brasileiros. São eles mestres no assunto, mas não são os únicos. Como descobri ali no quarto do Hilton, é mais difícil do que parece.

No dia seguinte terminei a primeira crônica logo pela manhã, imprimi (1994) e empurrei o texto para debaixo da porta do quarto do colega Mario Prata, ali no nono andar mesmo, para avaliação e eventual aprovação.

Às 10h já havia tomado café e banho quando bateram na porta. Era o Prata. Disse ele sem muito entusiasmo que a crônica estava boa, mas tinha a metade do tamanho mínimo, faltava eu assinar o meu nome, "o nome do autor, né?", e "beisebol", frisou o escritor, se escreve com dois "e"s.

E foi-se embora tomar o seu café. Consegui evitar o pânico. Respondi bem à subida da pressão e consegui terminá-la a tempo. Emplacou. E deu certo. As minhas crônicas da Copa fizeram algum sucesso. Fui convidado pelo jornal a ficar. Escreveria crônicas regularmente para *O Estado de S. Paulo* ao longo dos próximos 17 anos. (99 delas estão reunidas no livro *O jeitinho americano*, da Editora Realejo).

É exagero afirmar que a crônica tenha sido inventado no Brasil. A esse respeito gosto de citar o escritor e estudioso Humberto Werneck. Foi ele quem resumiu a questão de forma definitiva. Diz o Werneck que, tal como o futebol, a crônica não foi inventado no Brasil, mas aqui se aclimatou bem. ■

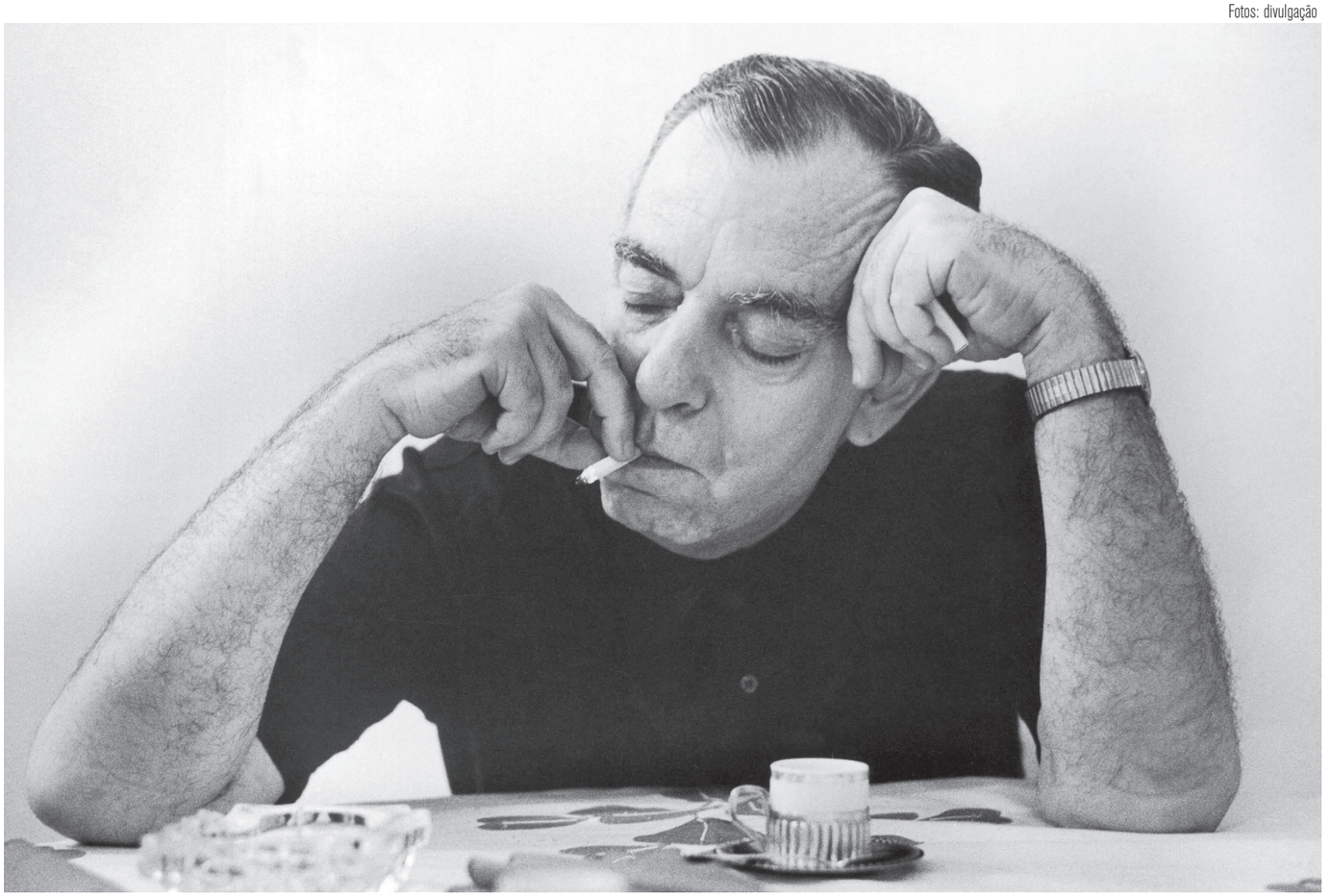
**Matthew Shirts** é redator-chefe da revista *National Geographic Brasil* e cronista da revista *Veja São Paulo*. Vive em São Paulo (SP).

# Quando a crônica esportiva virou literatura

Nelson Rodrigues, o mais célebre dramaturgo brasileiro, também foi o melhor dos nossos cronistas esportivos, levando para o efêmero texto de jornal a imortalidade das grandes peças literárias

DA REDAÇÃO

Fotos: divulgação



Se Machado de Assis é considerado um dos precursores da crônica e Rubem Braga o criador de um estilo único de escrever sobre o efêmero, até hoje copiado por escritores de diversas matizes, Nelson Rodrigues é, com certeza, o maior nome em um subgênero que se proliferou como nenhum outro na imprensa brasileira: a crônica esportiva. Aficionado pelo Fluminense, Nelson fez a ponte entre duas expressões que o senso comum se acostumou a chamar de "tipicamente brasileiro": a crônica e o futebol. Se Rubem Braga trouxe para a literatura o comezinho, o assunto banal, sem importância, Nelson falou sobre futebol da mesma maneira que grandes romancistas trataram dos temas universais, como a morte e a condição existencial do ser humano.

Para o cronista Nelson Rodrigues, o futebol era um tema que merecia não apenas espaço para discuti-lo, mas para recriá-lo. Com suas antológicas frases e textos, elevou a crônica de esporte ao patamar de arte. Por isso, ainda hoje, mesmo com uma infinidade de cronistas esportivos na ativa, é considerado por muitos profissionais como o melhor escritor da crônica esportiva.

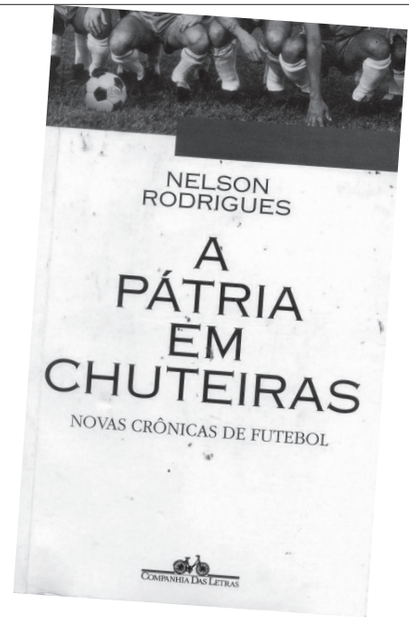
Antes de Nelson, a crônica esportiva já estava estabelecida no Rio de Janeiro, cidade em que o dramaturgo passou grande parte da vida. Mario Rodrigues, ainda nos anos 1920, deu a Mario Filho, irmão de Nelson, carta branca para criar nos jornais *A Manhã* e *Crítica*, de propriedade da família, uma seção de esportes. Nunca até então a imprensa brasileira dera tanto espaço ao futebol. Mario Filho foi o primeiro a transformar os jogadores em figuras interessantes para o leitor. Traço que Nelson, com seu texto literário inconfundível e insuperável, elevaria às altas potências nas décadas seguintes, fazendo do futebol uma continuação de seu teatro.

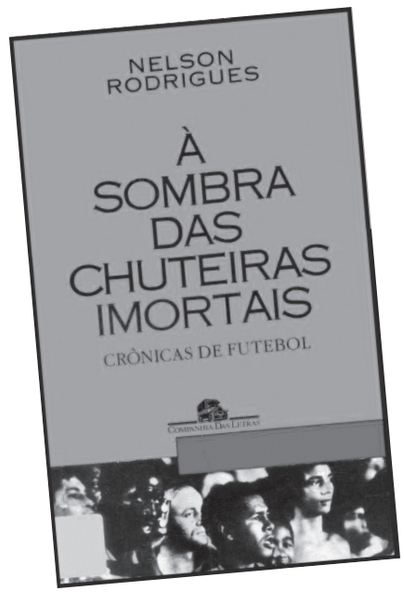
O escritor fez sua estreia na crônica esportiva nos anos 1950, no *Última Hora*, o jornal de Samuel Wainer. Mas um de seus momentos mais brilhantes se deu nas páginas da *Manchete Esportiva*, entre 1955 e 1959. Nos anos 1990, Ruy Castro, biógrafo de Nelson, compilou os textos publicados na *Manchete* e em outros veículos, como *O Globo*, em dois volumes: *À*

*sombra das chuteiras imortais* e *A pátria em chuteiras*. Duas coletâneas de textos que retratam o fascínio de Nelson não tanto pela bola, e mais pelos 22 homens que correm atrás dela durante 90 minutos. Estão ali textos sobre futebol que se tornariam tão célebres quanto nossos mais emblemáticos contos e romances. Crônicas forradas de expressões que entrariam para o anedotário popular. "A pátria em chuteiras", crônica publicada em junho de 1976, sobre uma vitória da seleção brasileira diante da Itália, ficaria eternizada na memória brasileira como uma metáfora para explicar a identidade da nação. "Amigos, a vitória de anteontem justifica uma meditação sobre o escrete. Pergunto: Para nós, o que é o escrete? Digamos: É a pátria em calções e chuteiras, a dar rútilas botinadas, em todas as direções. O escrete representa os nossos defeitos e nossas virtudes", escreveu Nelson no texto que louvava a atuação do ponteiro Gil, que jogaria, dois anos depois, a Copa do Mundo de 1978, na Argentina.

Não satisfeito com os personagens de carne e osso que entravam em campo, Nelson molhava a pena de ficcionista e saía a criar personagens imortais nas páginas efêmeras dos diários onde escrevia. Sobrenatural de Almeida talvez seja o mais célebres dos tipos criados pelo cronista Nelson Rodrigues. Entidade do futebol, Sobrenatural de Almeida era responsável por explicar o inexplicável. A todos os fatos inexplicáveis, ele responsabilizava o Sobrenatural de Almeida. Se um time inferior ganhasse de um time superior, era porque a entidade se fazia, mais uma vez, presente.

"Amigos, dizia Horácio que há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia. Está aí uma clara alusão ao Sobrenatural de Almeida. Se Horácio fosse torcedor rubro-negro diria a mesma coisa, por outras palavras: Há coisas na vida do Flamengo que só o Sobrenatural de Almeida explica", dizia Nelson em texto de 1968, publicado em *O Globo*.



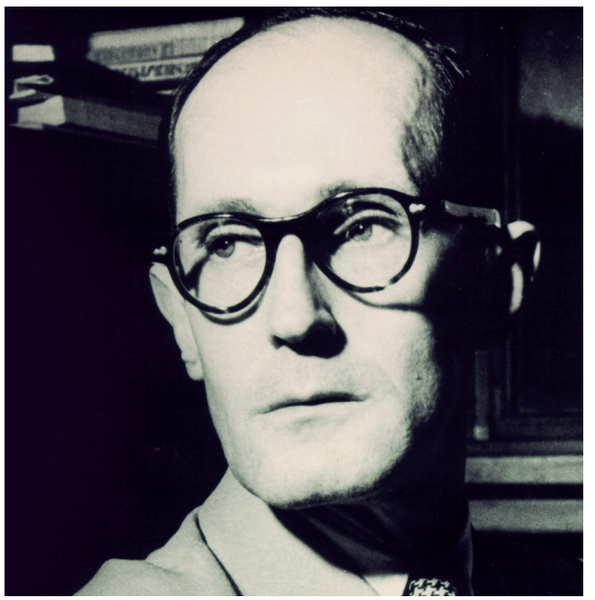




Sua capacidade de criar personagens no âmbito esportivo era tão grande quanto no seu teatro, dando apelidos que recriavam as personas que entravam no seu campo criativo: Didi era chamado de "Príncipe Etíope", Amarildo era o "Possesso", Denilson, o "Rei zulu". Acostumado a ir para o *front* das ideias, a receber críticas por sua sinceridade à flor da pele, Nelson quase sempre começava seus textos com um singelo "Amigos".

Como se as páginas dos jornais fossem insuficientes, Nelson levou sua peculiar visão (ou falta dela, pois não enxergava direito) de jogo para a televisão. Ainda nos anos 1960, Nelson participou de um programa chamado "Grande resenha Facit", provavelmente a primeira mesa-redonda da TV brasileira. E quem ganhava era o telespectador, que tinha o privilégio de testemunhar, ao vivo, a verve do cronista de jornal. Um dos lances mais memoráveis de Nelson na televisão se deu por conta da estreia do videoteipe. Em um acalorado debate sobre um pênalti não marcado contra o Fluminense em um Fla-Flu, Luis Mendes, para encerrar as dúvidas, mandou rodar o teipe. Ao ver o lance na televisão, todos concordaram: foi pênalti. Menos Nelson, que pediu a palavra e decretou: "Se o videoteipe diz que foi pênalti, pior para o videoteipe. O videoteipe é burro. E é só". Um belo exemplo de que apenas Nelson Rodrigues era capaz de ver determinadas coisas em uma partida de futebol. ■

CAPA | CRÔNICA

# CRONISTA POR ACASO



Fernando Sabino, Hélio Pellegrino e Carlos Drummond de Andrade: mineiros que reinventaram a crônica.

CARLOS HERCULANO LOPES

Até o dia 22 de junho de 2002 eu nunca havia escrito uma crônica, gênero que, durante muito tempo, alguns chegaram a definir, injustamente, como uma prima pobre do conto. Mas na manhã daquele dia, ainda sob o impacto da perda do jornalista, romancista e cronista Roberto Drummond, que havia morrido de infarto na noite anterior, justamente no momento em que o Brasil enfrentava a Inglaterra pela Copa do Mundo (ganhamos o jogo por 2x1, com gols de Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho), o nosso diretor de redação aqui no *Estado de Minas* (jornal onde Drummond trabalhava), Josemar Ximenez, me pediu, devido à minha longa amizade com o escritor e jornalista, que eu escrevesse um texto de despedida, em sua homenagem.

Esse deveria sair na edição do dia 23, no "Caderno de Esportes," no mesmo espaço no qual Drummond, três vezes por semana, falava sobre futebol, muitas vezes, sem conseguir disfarçar a grande paixão que tinha pelo Atlético Mineiro. Já no "Caderno de Cultura", todas às terças-feiras, ele era titular de outra crônica, essa sobre temas variados. Tinha a companhia, não necessariamente nessa ordem, dos escritores Fernando Sabino, Frei Beto, Alcione Araújo, Affonso Romano de Sant´Anna, Helena Jobim e Cyro Siqueira.

Desafio e tanto que, em meio àqueles instantes de comoção para todos nós, colegas de labuta do autor de *A morte de D.J. em Paris* e *Hilda Furacão*, entre tantos mais, me propunha o nosso editor. Cheguei até a me questionar se daria conta do pedido, pois estava ainda, na companhia de outros colegas, ajudando não só a escrever as matérias sobre a morte do Roberto, como também a repercuti-la junto a escritores, além de passar informações para vários jornais do país, que no dia seguinte deram ampla cobertura do fato.

Mas como quem está na chuva é para se molhar, como reza o velho ditado, acabei aceitando a proposta do Josemar e escrevendo a crônica *Adeus, Roberto*, que foi publicada no dia seguinte. Posteriormente ela sairia também no livro *Entre BH e Texas*, que lancei pela Editora Record. Se a crônica deu boa repercussão ou não, confesso não ter ficado sabendo. Mas já na segunda-feira (o texto em questão saiu na edição de sexta), o Josemar me procurou novamente, e pediu que escrevesse mais uma história, essa para sair no dia seguinte, no "Caderno de Cultura", no espaço até então ocupado pelo Roberto. Senti outro frio na barriga.

Por uma dessas coincidências, no final da tarde daquele dia, enquanto fazia uma caminhada na Praça da Assembleia, aqui em Belo Horizonte, após ter chegado do trabalho, me encontrei com uma amiga, cujo nome me fugiu; ela estava visivelmente abalada. "O que aconteceu?", me lembro que perguntei a ela, já antevendo alguma tragédia: morte de algum parente, essas coisas, às quais todos estamos sujeitos.

"Você acredita que ontem, sem mais nem menos, a empregada deixou a porta da casa aberta, e o meu cachorrinho, o Teleco, desapareceu?", ela me disse, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Tentei consolá-la como pude, demos algumas voltas na Praça, tomamos água de coco, e, quando voltei para meu apartamento, ali nas proximidades, vi que havia arranjado assunto para a tão ansiada crônica. Logo após o banho, para não perder nenhum detalhe da conversa, fui para o computador e a escrevi.

"Por onde andará o Teleco?", foi o nome da história que saiu no dia seguinte, com boa repercussão, devido aos e-mails recebidos, e pelos comentários dos colegas. Uma rede de televisão, aqui de Belo Horizonte, chegou a fazer uma matéria com a dona do cachorrinho, que por sorte acabou aparecendo dentro de uma drogaria. Estava trêmulo e morrendo de medo. Mas

felizmente são e salvo. Tenho impressão que, depois daquele dia, a empregada nunca mais deixou a porta da casa aberta.

Se estou contando tudo isso, depois de tantos rodeios, é para também dizer ter sido assim, dessa maneira tão inesperada — devido à morte de um amigo querido — que a crônica entrou na minha vida. Daquele 22 junho de 2002 para cá, no "Caderno de Cultura" do *Estado de Minas*, onde ainda trabalho, e revezo, nas crônicas, com Maria Esther Maciel, Marina Colasanti, Arnaldo Vianna, Affonso Romano de Sant'Anna e Fernando Brant. Já escrevi cerca de 600 textos, sobre os mais diversos assuntos. Uma vez por mês, na *Revista Encontro*, que também pertence aos Diários Associados, tenho outro encontro com o leitor; esse sim, com tema direcionado: a crônica deve ser sobre um bairro da capital mineira que, naquele edição, está sendo enfocado. Já escrevi sobre a Santa Tereza, Sagrada Família, Ouro Preto, Mangabeiras e outros.

"O que é a crônica?", me perguntou há alguns meses um aluno da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, onde fui participar de uma palestra sobre o gênero, a convite da professora Constância Duarte. "Perguntinha danada de difícil, que já foi feita milhares de vezes, a incontáveis cronistas", pensei com meus botões.

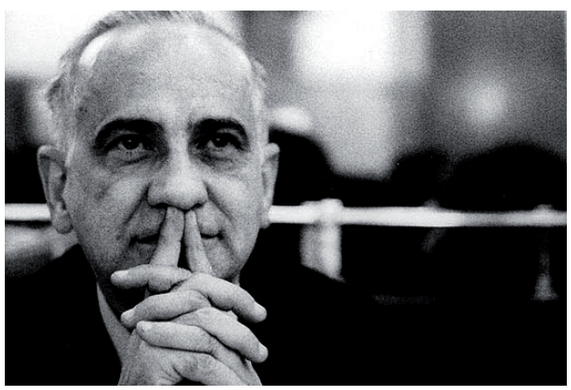
Mas refleti um pouco, estufei o peito, e respondi: "A crônica, meu amigo, é um olhar, uma frase, um pequeno detalhe do dia-a-dia". "Como assim?", ele quis saber. "Qualquer coisa pode ser motivo de uma crônica, basta que tenhamos sensibilidade e perspicácia para perceber, e registrar no papel", falei.

"Você pode dar um exemplo?", insistiu o aluno que, depois me confessou, ser candidato a cronista. Então falei para ele do dia em que tomei um ônibus de volta para casa. Estava lotado. De repente, como por encanto, sentou a meu lado uma militar negra, fardada, e com revólver na cintura.

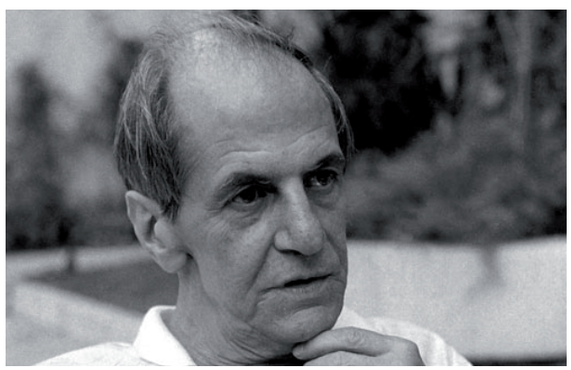
Era maravilhosa. Não resisti, e disse: "Com todo respeito, mas você é a soldado mais linda que já vi". Ela então abriu um sorriso, apontou para as divisas, e respondeu: "Soldado, não, sargento." Conversamos mais um pouco, a moça deu o sinal, desceu e, no outro dia, escrevi *Beleza fardada*, crônica que causou o maior rebuliço nos quartéis de Belo Horizonte, com todos querendo saber quem era a beldade.

Conversei mais um pouco com os alunos, até que o assunto, como não poderia deixar de ser, voltou-se para os grandes mestres mineiros do gênero, que não poderíamos deixar de reverenciar: Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Helio Pellegrino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Affonso Romano de Sant´Anna, Manoel Lobato e tantos outros. Isso sem falar no grande Rubem Braga, que não era mineiro, mas cuja carreira começou aqui em Belo Horizonte, no *Diário da Tarde*, no início da década de 1930. Só depois mudou-se para o Rio, onde viria a se consagrar como um dos grandes escritores desse país. ■

**Carlos Herculano Lopes** é escritor e jornalista, autor, entre outros, dos romances *Poltrona 27*, *O Vestido*, *Sombras de julho*, e dos livros de crônicas *O pescador de latinhas* e *A mulher dos sapatos vermelhos*. Vive em Belo Horizonte (MG).



Otto Lara Resende é um dos mais importantes cronistas do Brasil.



Paulo Mendes Campos soube ver leveza no cotidiano áspero.

# Os quatro cavaleiros da crônica brasileira

DA REDAÇÃO

Os mineiros Fernando Sabino (1923-2004), Paulo Mendes Campos (1922-1991), Otto Lara Resende (1922-1992) e Hélio Pellegrino (1924-1988) foram, e são, alguns dos responsáveis pela crônica brasileira ter adquirido respeito e qualidade literária. Individualmente, mas também em conjunto, escreveram textos líricos recriando os costumes, os personagens e o ambiente do Brasil da segunda metade do século XX.

No livro *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais*, o escritor e também cronista Humbert Werneck dedica o capítulo "Os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse" ao quarteto. Werneck contextualiza o momento em que eles despontaram e, pelas mãos de João Etienne Filho, incentivador de talentos, encontraram oportunidades para escrever.

"'Eu não descobri ninguém', habituou-se a retrucar Etienne, inchado de modéstia. Foi por seu intermédio, em todo caso, que escritores como Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino fizeram sua entrada na literatura. Dos quatro 'vintanistas', só Fernando Sabino não era inédito quando conheceu Ettine: precoce, aos doze anos publicara um conto na revista *Argus*, da polícia mineira", escreveu Werneck, na obra sobre os autores de Minas Gerais.

Os quatro produziram textos que até hoje são irretocáveis: cada palavra parece estar no lugar certo. Otto Lara Resende atuou na imprensa, além de lecionar e ter sido advogado — *Bom dia para nascer* reúne crônicas que ele publicou originalmente no jornal *Folha de S.Paulo*. Fernando Sabino passou por diversos veículos, jornais e revistas, sobretudo como cronista — publicou, em 1956, o romance *O encontro marcado*, um clássico da literatura brasileira. Paulo Mendes Campos ganhou a vida na imprensa, foi fiscal de obras e assumiu uma diretoria na Biblioteca Nacional, além de ter traduzido obras de Júlio Verne, Pablo Neruda e William Shakespeare. Finalmente, Helio Pellegrino tornou-se um dos psicanalistas mais requisitados do Rio de Janeiro, militou na política e escreveu artigos, alguns deles reunidos em *A burrice do demônio,* livro esgotado, mas disponíveis em sebos. ■

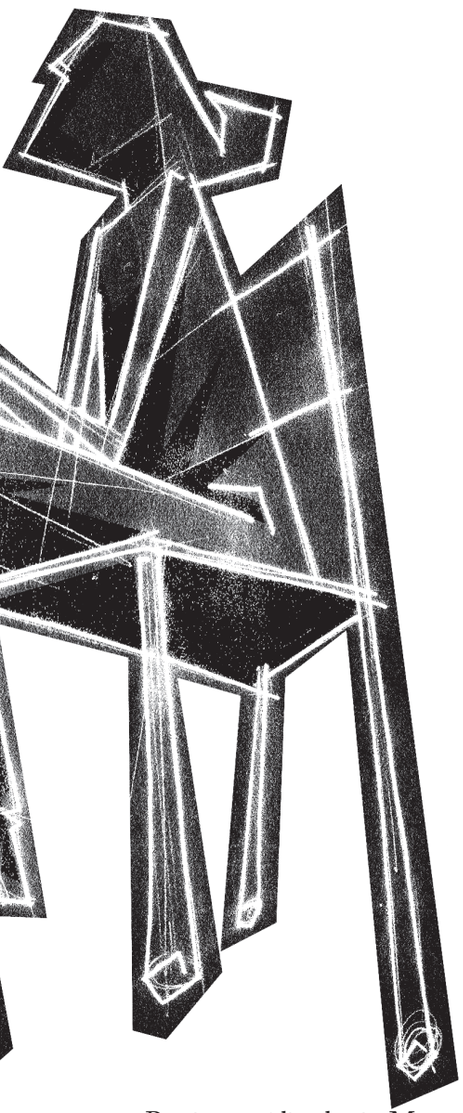
CONTO | **TÉRCIA MONTENEGRO**

# UM GESTO RARO

Ilustração: **José** Aguiar

Minha mãe chegou bem cedo, para colocar as flores diante do retrato do tio Álvaro. Quando ela passou lá em casa, estava ruborizada de pressa, segurando o vaso com umas das mãos, enquanto sustentava o volante do carro com a outra: "Pegue logo isso, para não derramar!", ela disse, assim que eu me sentei. Partimos em disparada, acho que eram umas seis da manhã, e o cemitério ficava distante. Durante todo o trajeto, ela ficou falando sobre as pessoas que deviam estar no funeral, e sempre completava: "Acho que você não lembra, era muito pequena da última vez em que nos vimos". Eu realmente não conhecia ninguém, porque minha mãe brigara com quase toda a família quando eu tinha uns quatro ou cinco anos. Sobrara apenas uma irmã conciliadora, a única que nos visitava. Tia Maura era uma espécie de porta-voz, trazendo notícias de uns e de outros. A simples presença dela já indicava conspiração: sempre aos cochichos na sala, ela respondia às perguntas de minha mãe, que invariavelmente encerrava a conversa dizendo: "Afinal, não mudou nada!"

Agora, alguma coisa mudaria, porque tio Álvaro estava morto. Ele era o caçula, um tio que jamais vi, porque a sua briga aconteceu antes mesmo que eu nascesse. Minha mãe costumava contar que os dois se trancaram num banheiro, ele aos gritos de que iria matá-la, ela sem se amedrontar em nenhum momento, querendo entregar uma faca para ele, gritando: "Mate agora! Mate!" Do lado de fora, meu pai batia na porta, recém-casado e tão inexperiente em confusões daquela estirpe. Devia estar assustadíssimo quando tio Álvaro saiu do banheiro, chorando de impotência, com a irmã a chamá-lo de covarde. Eu nunca soube o verdadeiro motivo para aquela cena; ficava impressionada o suficiente com a imagem dos dois aos tapas, minha mãe empurrando-lhe uma faca para que ele a matasse. Sempre me esquecia de perguntar a razão para tudo aquilo; acho que, na minha cabeça, as pessoas tinham o hábito de se trancar num banheiro, ameaçando-se como loucas.



Por intermédio de tia Maura, cresci sabendo que tio Álvaro era um gênio da informática, mas apesar disso não conseguia bons empregos, porque se recusava a receber ordens de qualquer chefia. Provavelmente a sua reação no banheiro, apesar do choro, também tinha sido um ato rebelde: ele não mataria a própria irmã, já que ela estava mandando que ele fizesse aquilo. Em última instância, eu pensava se minha mãe não conhecia o temperamento de Álvaro o bastante para saber que ele reagiria exatamente da forma contrária que ela ordenasse. Nesse caso, entregar-lhe uma faca seria a melhor maneira de permanecer viva.

É curioso como ao longo de duas décadas eu pude imaginar uma cena com tantos rostos emprestados. No banheiro, sempre se trancavam dois irmãos diferentes; a cada vez eles tinham feições novas. Mesmo que eu conhecesse fotos de minha mãe bem jovem, não conseguia colocá-la para gritar "Mate agora! Mate!" Conservava apenas o seu cabelo loiro e comprido, mas alterava a cor dos olhos, ou o formato do queixo, ou a estatura. O homem, então, aparecia nos mais diversos modelos: às vezes era negro, às vezes oriental. Por muito tempo eu lhe emprestei a fisionomia de atores que faziam o papel de vilões. Nenhum deles tinha a aparência do tio Álvaro, que agora eu via, no retrato em cima do caixão.

O caixão estava fechado; somente o retrato identificava o morto, na capela quase vazia. Vagavam por ali dois serventes, arrumando cadeiras de plástico para a missa que iria acontecer. Minha mãe ficou paralisada, e eu imediatamente compreendi por quê: ela não lembrava como tio Álvaro e ela se assemelhavam. Na verdade, eu mesma identifiquei no retrato meus próprios olhos, sobrancelhas e lábios. Bastava retocar a imagem, acrescentando-lhe cabelos longos, para que tio Álvaro se transformasse em qualquer uma de nós.

Naquele instante, vimos chegarem outras pessoas — mais rostos familiares, não por serem próximos, mas por trazerem aquela idêntica expressão, os gestos, o modo de caminhar. Fui apresentada a alguns primos, achando todos meio ridículos, como se fossem caricaturas minhas. A fisionomia que eu enxergava no espelho de repente se repetia pelo mundo, em diversas formas levemente alteradas. Encontrei o meu nariz em pelo menos três mulheres, que não me cumprimentaram. Resolvi ficar quieta e o máximo possível escondida, para que o constrangimento passasse. Sentei-me numa cadeira, enquanto minha mãe tentava falar com toda aquela gente que a odiava. Ela ainda estava com o vaso de flores da mão, como se fosse entregá-lo, dizendo "Mate agora!". Mas tio Álvaro já estava morto.

Alguns estranhos também entraram na capela – deviam ser amigos ou familiares *do outro lado*. Tia Maura havia comentado sobre o casamento de Álvaro, anos atrás. Na época dessa conversa, eu ainda morava com minha mãe e escutei os lamentos das duas na sala: "Que pena!", "Que tragédia!". Quando tia Maura foi embora, soube que haviam nascido gêmeas com síndrome de Down e uma delas, a mais fraquinha, morrera ainda bebê. A outra acabava de chegar para o funeral do pai.

Óbvio que era ela: uma garota grande e triste, com os olhos como fendas numa máscara. Andava pesadamente, segurando o braço da mãe. As duas sentaram-se na primeira fileira, sem falar com ninguém. O padre começou o ofício; minha mãe deu uma corridinha para colocar o vaso com flores ao pé do caixão. Ela sentou-se junto com outras pessoas e ficou fazendo sinais para que eu me aproximasse, mas fingi que não via. Estava muito bem ali, no canto mais recuado, onde tio Álvaro não passava de um retrato borrado pela distância. Ao longo de toda a missa, observei as costas de sua esposa: ela não parecia murmurar qualquer oração, nem se benzia. A menina também ficava parada, com as duas tranças imóveis, caídas sobre os ombros. Imaginei em que hora sua mãe as fizera, puxando as mechas desde o alto da cabeça, os dedos costurando os fios em voltas unidas, um ritmo de serpente até o laço na ponta. De um dos lados, a fita era azul; do outro, verde.

Quando a missa terminou, dois serventes vieram carregar o caixão. Voltei a ignorar os gestos convulsos mandando que eu saísse do meu lugar; estava decidida a ficar por último, no final da fila que seguiria até o enterro. Minha mãe suspirou, frustrada, mas seguiu junto com tia Maura, que tinha acabado de chegar. Todo mundo caminhava com aquela lentidão fúnebre, e eu ainda nem havia me levantado da cadeira. Sabia que tinha passos largos o bastante para alcançar o grupo quando quisesse.

O retrato de tio Álvaro ficou no chão, ao lado das flores. Eu calculava que houvesse algum tipo de serviço responsável por devolver os acessórios à família; assim, não estava realmente querendo pegar a foto ou guardá-la. Andei até ela por uma simples curiosidade – mas logo me arrependi. Numa fração de segundo, a mulher entrou de volta na capela, furiosa como se fosse estapear uma herege. Não me disse nada, mas agarrou o porta-retratos e chutou o vaso, para despedaçá-lo. Em seguida, saiu, com a mesma pressa absurda com que havia entrado. A menina, entretanto, ficou mais um pouco: ela olhava para as pétalas encharcadas, os cacos de cerâmica. Depois, correu, balançando as tranças como se fossem dois lenços moles. ■

**Tércia Montenegro** é autora do livro de contos *O tempo em estado sólido*, 2012. Vive em Fortaleza (CE).

# VERÃO SOL PRAIA e LIVROS

**A Secretaria de Estado da Cultura montou em cinco pontos do litoral paranaense o projeto Bibliopraia, uma estrutura feita especialmente para que você possa aproveitar o verão e colocar a leitura em dia.**

Foto de Kraw Penas/SEEC

**Escolha o Bibliopraia mais perto de você**

**Paranaguá:** Ilha dos Valadares (Praça Cyro Abalem)*

**Pontal do Paraná/Ipanema:** Avenida Atlântica, 7.351

**Caiobá – Praia Brava:** Avenida Atlântica, 1.800

**Caiobá – Praia Mansa:** Avenida Agilio Leão de Macedo, 352

**Guaratuba:** Avenida Atlântica, 1.700 (em frente à Praça da Bíblia)

**Horário de atendimento: das 8h às 20h**
*** Horário de atendimento do Bibliopraia da Ilha dos Valadares: das 9h às 20h**
**Para fazer o empréstimo basta escolher os livros ou revistas e dar o nome e telefone.**

bibliopraia icac Instituto curitiba de arte e cultura BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ PARANÁ SECRETARIA DA CULTURA

POESIA Otto Winck

Ilustração: Marco Jacobsen

# rebento

Trago
a morte
dentro da vida.

Enquanto vivo,
ela vai crescendo
e impondo
pouco a pouco
marcos, limites
e cabelos brancos.

Um dia
ela crescerá
de tal maneira
que terá me devorado
por inteiro.

Aí,
quando
for tudo
em mim,
tudo em todos,
a vida
– misteriosamente –
rebentará.

**Otto Leopoldo Winck** é carioca, morou em Porto Alegre, mas vive há muito tempo em Curitiba. É autor do romance *Jaboc*, vencedor do Prêmio Nacional da Academia de Letras da Bahia em 2005, lançado no ano seguinte pela editora Garamond. O poema publicado aqui pertence ao livro *Desacordes*, contemplado em 2012 com o Prêmio Governo Minas Gerais de Literatura, na categoria poesia.

# RETRATO DE UM ARTISTA RUBEM BRAGA

## **RUBEM** BRAGA

Por **Weberson** Santiago

Rubem Braga nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, em 1913. Se formou em Direito, mas fez carreira como jornalista. Atuou como correspondente dos *Diários Associados* durante a Segunda Guerra, sendo enviado a Itália. Também atuou como repórter e editor em diversos jornais e revistas do país. Foi Embaixador no Marrocos e chefe do escritório comercial do Brasil no Chile. Em 1968, juntamente com os escritores Fernando Sabino e Otto Lara Resende, fundou a Editora Sabiá, responsável por lançar no Brasil escritores como Jorge Luis Borges, Gabriel García Márquez e Pablo Neruda. Seu primeiro livro, *O conde e o passarinho*, de 1936, é considerado um marco da crônica moderna brasileira. Outras obras de destaque do autor são *Ai de ti, Copacabana* (1960), *Crônicas de guerra na Itália* (1964) e *As boas coisas da vida* (1988). Braga faleceu em 1990, sozinho e sedado em um quarto de hospital, como desejou e pediu aos amigos.

**Weberson Santiago** nasceu em 1983. Faz ilustrações para livros, revistas e jornais. É professor da Quanta Academia de Artes de Mogi das Cruzes, cidade em que reside.